



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

PAULA FERNANDA SILVA DE BARROS

**O processo de reconstrução da linguagem
na interação entre os sujeitos afásicos**

RECIFE/ PE
2011

PAULA FERNANDA SILVA DE BARROS

**O processo de reconstrução da linguagem
na interação entre os sujeitos afásicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo.

**RECIFE/ PE
2011**

B277p

Barros, Paula Fernanda Silva de

O processo de reconstrução da linguagem na interação entre os sujeitos afásicos / Paula Fernanda Silva de Barros ; orientador Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, 2011.

100 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2011.

1. Afásicos. 2. Interação social. 3. Afasia. 4. Análise do discurso. 5. Linguística. I. Título.

CDU 801

PAULA FERNANDA SILVA DE BARROS

**O processo de reconstrução da linguagem
na interação entre os sujeitos afásicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em 14 de abril de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo – Universidade Católica de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Marígia Ana de Moura Aguiar – Universidade Católica de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Bianca Queiroga – Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a todos que acreditam que a linguagem pode ser construída e reconstruída, principalmente aos sujeitos afásicos, que mesmo com todas as limitações físicas, e da linguagem, estão sempre pensando em fazer um amanhã diferente e mais feliz.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo às duas pessoas mais importantes da minha vida, meu pai e minha mãe, que me deram os primeiros ensinamentos e me proporcionaram sempre bons colégios e uma boa universidade para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Meus sinceros agradecimentos às minhas duas irmãs Claudia e Gabi, que em muitos momentos de desespero e cansaço sempre estenderam a mão para que eu pudesse estudar, estudar e estudar.

Agradeço ao meu marido Júlio que, com toda sua sabedoria e dedicação à minha pessoa, leu e releu constantemente os meus escritos com toda a sua paciência, para que eu pudesse apresentar uma Dissertação no nível do mestrado em Ciências da Linguagem.

Agradeço à minha melhor e mais difícil fórmula mágica, da linguagem e da vida; é por ela que meus dias são mais bonitos e ricos: minha filha Júlia Fernanda.

Agradeço a todos os professores que tive até agora em minha jornada como estudante, e, principalmente às professoras Maria das Graças Didier (Gracita) e Nadia Azevedo, por me mostrarem a verdadeira e mais encantadora face da linguagem.

Agradeço a todos os professores do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, em especial à minha orientadora Nadia Azevedo, que com sua calma, leveza de alma e bondade de amiga e mãe – mesmo não tendo idade para isso, deixo bem claro! – me guiou e continua me guiando na construção e reconstrução deste trabalho.

Finalizando os meus agradecimentos, eu não poderia me esquecer jamais da fonte de minhas inquietações e reflexões geradoras deste estudo, os indivíduos afásicos integrantes do Grupo de Convivência da UNICAP.

A todos vocês, o meu mais sincero muito obrigada!!!

RESUMO

Os estudos sobre afasia nas ciências da saúde vêm apresentando uma longa jornada, desde a perspectiva organicista, apresentando na atualidade mais uma perspectiva linguístico-discursiva, onde vêm solidificando raízes. O presente estudo faz uma breve explanação da história da afasiologia e desse caminho por ela percorrido, tendo como foco a perspectiva linguístico-discursiva. A necessidade de pesquisas direcionadas por esse foco investigativo surge a partir de inquietações e reflexões relacionadas à ajuda da interação nesse processo de reconstrução, que delinearão objetivos pertinentes à temática. Este estudo busca discutir de que maneira se dá o processo de reconstrução da linguagem através da interação entre os sujeitos afásicos e não afásicos participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Esta discussão envolveu a identificação de estratégias facilitadoras das produções discursivas e a delimitação das interferências dos interlocutores afásicos e não afásicos na reconstrução da linguagem entre os sujeitos integrantes do *locus* investigado. A caracterização investigativa envolveu um direcionamento metodológico voltado para os conhecimentos da análise do discurso de Linha Francesa, parâmetro sob o qual se deu a análise dos discursos, extraídos de transcrições realizadas a cada encontro. A partir das investigações, os achados nos mostraram que a interação se faz em muitos momentos do Grupo de Convivência entre sujeitos afásicos e entre sujeitos afásicos e não afásicos. Diante disso, constatamos que para que haja a interação como a reconstrução da linguagem de e entre sujeitos afásicos e não afásicos, são necessárias estratégias mediadoras para que esta reconstrução se consolide. Com isso, pudemos concluir que a interação e as estratégias ajudam a desenvolver os processos discursivos, funcionando como elementos mediadores na reconstrução da linguagem dos afásicos do Grupo de Convivência de sujeitos afásicos e não afásicos da UNICAP. A reconstrução da linguagem acontece de uma forma plena entre os sujeitos afásicos e entre afásicos e não afásicos e os discursos se misturam e se transformam na reconstrução da linguagem.

Palavras-chave: Afasia. Linguagem. Interação. Análise do discurso.

ABSTRACT

Studies of aphasia have had a long journey and walked from the organismic perspective, arriving at the present time with the prospect linguistic and discursive roots where they come from solidifying. This paper briefly outlines the history of aphasia and this way of perspective, focusing on the linguistic-discursive perspective. The need for research directed by this investigative focus has intensified concerns and reflections in relation to interaction help in this reconstruction process, which outlined the objectives relevant theme. This study aims to discuss how it feels the process of reconstruction of the language through interaction between participants in Group aphasic aphasic coexistence of the Catholic University of Pernambuco (UNICAP). This discussion involved the identification of strategies that facilitate the production of discourse and the definition of interference from partners and non-aphasic aphasics in the reconstruction of language among the subjects from the locus investigated. The characterization involved an investigative methodological orientation toward knowledge of the Analysis of Speech French Line, the parameter under which it gave to analyze the speech of aphasic patients, taken from transcripts made for each meeting. From the research findings have shown us that the interaction is done in many moments of Living Group and is more common than among aphasic aphasic and non-aphasics. Given this, we conclude that there is interaction as the reconstruction of language and between aphasic and non-aphasic, mediating strategies are needed for this reconstruction is consolidated. With this we conclude that the interaction is present, functioning as a mediator in the reconstruction of the language of aphasic Group Coexistence of aphasic and aphasic's not UNICAP.

Key-words: Aphasia. Language. Interaction. Discourse analysis.

LISTA DE ESQUEMAS, TABELAS E RECORTES

ESQUEMAS

Esquema nº 1- Representação da interação

Esquema nº 2- Caracterização metodológica do estudo

TABELAS

Tabela nº 1- Classificação das afasias

Tabela nº 2- Três fases da AD

Tabela nº 3- Condições de produção do discurso (dispositivo analítico dos processos interativos identificados/ verificados)

Tabela nº 4- Interacionismo (tríplice categorização)

RECORTES

Representação dos recortes discursivos 1 a 8

LISTA DE SIGLAS

A – Afásico

AD – Análise do Discurso

F – Fonoaudióloga

FA – Filho do afásico

FD – Formação Discursiva

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 11 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 15 |
| 1.1 AFASIA: CONCEITUAÇÃO E TIPOLOGIA | 15 |
| 1.2 AFASIA: A PERSPECTIVA ORGANICISTA | 17 |
| 1.3 AFASIA: A PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA | 21 |
| 1.3.1 A Análise do Discurso | 25 |
| 1.3.1.1 Discurso | 25 |
| 1.3.1.2 A Análise do Discurso de linha francesa..... | 28 |
| 1.3.1.3 A AD e suas fases..... | 32 |
| 1.3.2 Condições de produção do discurso e a interação entre os sujeitos Afásicos e não Afásicos participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP | 35 |
| 1.4 A INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA DE CLAUDIA DE LEMOS..... | 38 |
| 1.4.1 Interação | 38 |
| 1.4.2 Os princípios da Teoria da aquisição da linguagem | 40 |
| 2. PERCURSO METODOLÓGICO | 45 |
| 2.1 DELIMITAÇÃO DOS FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS NO ESTUDO..... | 46 |
| 2.2. AD COMO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE | 50 |
| 3. ANÁLISE DOS DADOS: O CAMINHO DA RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS DA UNICAP .53 | 53 |
| 3.1. A INTERAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA UNICAP..... | 53 |
| 3.2. RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DOS SUJEITOS AFÁSICOS DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA UNICAP | 62 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS | 72 |
| ANEXOS | 75 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo concluído o Curso de Fonoaudiologia em Dezembro de 2009, tivemos nossa primeira atuação profissional com pacientes afásicos naquele mesmo ano. Naquela ocasião, o tratamento terapêutico era realizado em função de uma visão orgânica, o que fez com que as primeiras inquietações geradoras deste estudo começassem a surgir. Essas inquietações iniciais nos acompanharam durante a carreira profissional, mesmo quando nos distanciamos um pouco do trabalho com afásicos. Aos poucos, essas inquietações iniciais foram se transformando em estudos assistemáticos e preliminares, que culminaram no interesse em ingressar no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem.

A partir de então, e com a continuidade de nossos estudos independentes, a busca pela delimitação de uma problemática científica que abarcasse essas inquietações foi se intensificando. Diante das referidas situações, refletimos sobre a possibilidade de efetivação de uma temática que abordasse o discurso a partir de sujeitos afásicos em interação tanto entre si quanto destes em relação a indivíduos não afásicos (notadamente, seus familiares e voluntários do grupo de Convivência de Sujeitos Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco).

Com isso, nosso primeiro passo foi a matrícula na disciplina “Elementos da análise do discurso”, então oferecida para alunos especiais, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos acerca da análise discursiva e identificar algumas possibilidades de transformar aquelas inquietações iniciais em um problema de pesquisa científica.

Foi exatamente através do estudo daquela disciplina que percebemos a problemática da construção discursiva em sujeitos que enfrentam transtornos de linguagem, especificamente os sujeitos afásicos, que participam do Grupo de Convivência dos Afásicos e não Afásicos da UNICAP. Esse Grupo é coordenado pelas Profas. Dras. Nadia Azevedo e Fátima Villar.

O Grupo de Convivência dos Afásicos e não Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, *locus* desta investigação, no qual tivemos oportunidade de atuar voluntariamente. A partir dos primeiros contatos estabelecidos com o Grupo, a problemática do discurso a partir de sujeitos afásicos se avivou. Nossas inquietações foram crescendo proporcionalmente ao aprofundamento de nossos conhecimentos

acerca desse distúrbio, notadamente no que se refere ao papel da interação como elemento facilitador das limitações por ele promovidas.

Em nosso primeiro contato com o Grupo de Convivência dos Afásicos e não Afásicos da UNICAP, nos questionamos como se daria a construção do discurso dos afásicos, já que se tratava de pessoas que apresentavam distúrbios na linguagem oral e escrita, com isso, e como se dava o entendimento entre os sujeitos afásicos e não afásicos.

O Grupo de Convivência surgiu da necessidade de proporcionar aos indivíduos que apresentam afasia a interação, trabalhar a sua linguagem, a sua sociabilidade e também fazer com que eles percebam que existem outros sujeitos com as mesmas limitações e que conseguiram percorrer o caminho da linguagem. Essas informações foram extraídas do projeto de extensão *Grupo de Convivência de Afásicos e não Afásicos da UNICAP*, sendo este o único documento, até o presente momento, que expõe os objetivos a serem alcançados e as ações e atividades a serem realizadas.

Diante disso, o presente estudo busca investigar de que maneira existe a reconstrução da linguagem através da interação entre os sujeitos afásicos e não afásicos integrantes do Grupo de Convivência da UNICAP, e, assim, identificar algumas estratégias facilitadoras das produções discursivas dela decorrentes.

Segundo Vieira (2006), a dificuldade linguística que se impõe ao paciente nos quadros afásicos se apresenta de forma tal que modifica a posição do sujeito em relação ao mundo, à vida. Esse sujeito não perde a sua identidade, a sua (inter)subjetividade; existindo apenas uma dificuldade no funcionamento da linguagem. Nesse sentido, observando o Grupo de Convivência de Afásicos e não Afásicos, a nossa surpresa foi perceber que existe a interação entre os indivíduos Afásicos e não Afásicos, mas o que objetivamos é saber como essa interação ocorre de uma forma comum e com tanta facilidade entre os sujeitos que apresentam transtornos na linguagem com tanta severidade.

A interação, neste estudo, tem um papel de total importância, pois foi ao verificar a existência de uma forma tão plena e clara desta entre os sujeitos afásicos que, a partir dela, as nossas inquietações foram se consolidando e, assim, assumindo um contorno sistemático de investigação científica antecedendo à necessidade de uma explicação/compreensão mais concreta do que seja a interação e da relevância desta frente aos estudos da linguagem. Essa relação será devidamente abordada no Capítulo I

deste estudo, que trata da fundamentação dos conhecimentos sobre a afasia e sua história.

No Grupo de Convivência, as dificuldades linguísticas não surgem de maneira tão exacerbada porque todos os indivíduos afásicos apresentam essas limitações e, entre eles, a ajuda e o companheirismo, a interação se faz presente. O Grupo muda a rotina de uma clínica ou consultório que trabalhe com a linguagem. E nossas primeiras impressões foram que as atividades direcionadas mais para a linguagem e menos para os fatores orgânicos, ajudam os sujeitos afásicos a descobrirem que a linguagem ainda existe e que só precisa ser reconhecida para que volte a ser ativada.

Segundo Fonseca (2006), o patológico que se apresenta na clínica de linguagem da afasia diz respeito à fala e ao sujeito falante: o foco da clínica está dirigido para um sujeito que sofre, porque sua fala está em sofrimento.

Ao testemunharmos nos integrantes do Grupo de Convivência a necessidade da existência de uma produção discursiva desses entre si, passamos a refletir acerca das modalidades de apresentação dessa interação no que se refere às relações estabelecidas entre esses indivíduos e os indivíduos não afásicos também integrantes do Grupo. Nesse caso, ainda em decorrência de nossas observações preliminares, porém já fundamentadas, percebemos que a interação é uma ponte que desempenha papel fundamental nessa possibilidade de reconhecimento de si mesmo no e do outro.

Confirmada a existência da interação entre afásicos, novos questionamentos emergem acerca das possibilidades e potencialidades dos processos discursivos na reconstrução da linguagem almejada/promovida pelo Grupo: será que essa interação está ajudando a concretizar a reconstrução da linguagem do sujeito afásico? Qual é o papel efetivo da interação nesse processo de produção discursiva? De que maneira os sujeitos afásicos estão compreendendo e estão sendo compreendidos? Como o discurso de um sujeito afásico está sendo entendido por outros sujeitos afásicos?

Dessa forma, retomando aos objetivos deste estudo, pretendemos investigar em que medida a interação entre os sujeitos intervém no processo de reconstrução da linguagem empreendido, identificando desse modo as estratégias que facilitam as produções discursivas e apontando as interferências do interlocutor afásico e não afásico na reconstrução da linguagem entre os sujeitos afásicos do Grupo de Convivência da Universidade Católica de Pernambuco.

Neste trabalho, a consideração da reconstrução da linguagem dos sujeitos afásicos nos momentos onde a interação se faz resgata um olhar da Teoria da Aquisição

da Linguagem de Cláudia De Lemos e seus colaboradores, como principal referência de pesquisa acerca das possibilidades e potencialidades dessa relação de interação entre os afásicos e seu crescimento não só linguístico, mas também pessoal.

Portanto, diante da necessidade de entender como se dá esse processo interativo e como ocorre essa comunicação, nos propomos a estudar essa temática buscando contribuir com a formação profissional não só de fonoaudiólogos, mas de todos aqueles que se interessem pela pesquisa desses processos interativos, que apresentam uma considerável riqueza linguística, psíquica e sociocultural. Desse modo, buscamos demonstrar que os conhecimentos a partir desses questionamentos possam contribuir com o desenvolvimento de intervenções terapêuticas [para] com estes sujeitos.

A definição de um caminho metodológico auxiliará a construção deste estudo – nomeadamente no que se refere à história da afasia, que tem sua discussão organizada em três capítulos. Dessa forma, serão abordados temas como: os primeiros conceitos, os estudiosos que sempre pesquisaram e estudaram esse distúrbio de linguagem, além do percurso da perspectiva organicista, que ainda é estudada por aqueles profissionais que tem os seus trabalhos direcionados para uma visão mais organicista, até a visão linguístico-discursiva.

O primeiro capítulo, que trata da fundamentação teórica do trabalho, define e aponta a Teoria Interacionista em Aquisição de Linguagem, De Lemos e seus colaboradores, como base teórica para pensarmos a questão da interação como elemento mediador da linguagem e fundamentar também a respeito da relação entre afasia, linguagem e interação.

O segundo capítulo se refere à metodologia do estudo, procurando focar aspectos pertinentes à população, área, gênero, coleta e análise de dados, bem como questões éticas relacionadas à pesquisa. Esses aspectos, assim como os esclarecimentos dos objetivos serão abordados segundo os procedimentos metodológicos da análise do discurso de linha francesa.

Já o terceiro capítulo enfoca a análise dos dados a partir de recortes discursivos dos sujeitos da pesquisa e suas respectivas análises, fundamentadas no referencial teórico deste estudo. Serão destacadas, também, a história e os objetivos do Grupo de Convivência, bem como sua relação com a Universidade enquanto projeto de extensão.

Nas considerações finais, são estabelecidas relações entre os resultados obtidos com os objetivos almejados pelo trabalho no sentido de vislumbrar novas possibilidades de aprofundamento de estudos acerca dessa temática.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica se destina a estudar a afasia do ponto de vista linguístico-discursivo, procurando se fundamentar nas reflexões provenientes de estudos da teoria da Análise do Discurso de linha francesa e na abordagem de Aquisição de Linguagem de De Lemos e seguidores.

1.1 AFASIA: CONCEITUAÇÃO E TIPOLOGIA

Conceituar a afasia significa caminhar um pouco pela sua trajetória como objeto de estudo, de um ponto de vista organicista até os tempos mais atuais, procurando mostrar o ponto de vista linguístico-discursivo. Em um primeiro momento consideramos de suma importância fazer algumas conceituações e apresentar a classificação para que o leitor que não seja da área de saúde possa entender o que é a afasia e qual a origem de suas causas, bem como seus sintomas mais peculiares.

Normalmente, a afasia é compreendida por um distúrbio da linguagem ocasionado por alterações neurológicas. Cambier e Dehen (1988) já conceituaram a afasia como sendo a desorganização global do funcionamento cerebral, excluindo as dificuldades de comunicação e da linguagem.

As definições da afasia excluem as perturbações da função da linguagem que resultam de uma desorganização global do funcionamento cerebral (confusão mental, demência). Excluem igualmente as dificuldades de comunicação resultantes de uma alteração dos instrumentos sensoriais (cegueira-surdez) ou dos dispositivos motores (disartria-disfonia) que intervêm normalmente na percepção ou na expressão de mensagens linguísticas (CAMBIER e DEHEN, 1988, p. 131).

Cambier e Dehen (1988) classificam a afasia segundo os critérios expostos na Tabela a seguir:

| CLASSIFICAÇÃO DA AFASIA | | | |
|--------------------------------|-----------------|-----------------|--------------------------|
| ÁREA DE BROCA | ÁREA DE WERNICK | ZONA DE HESCHEL | ZONA TEMPORAL ESQUERDA E |

PARIETAL
INFERIOR

| AFASIA DE BROCA | AFASIA DE WERNICK | SURDEZ VERBAL | AFASIA DE CONDUÇÃO |
|--|---|--|---|
| Não fluência, Distúrbios árttricos, compreensão preservada | Fluência, compreensão afetada, escrita e fala prejudicada | Perda da compreensão da linguagem oral, impossibilidade de repetição e expressão oral e gráfica satisfatória | Linguagem espontânea em parafasias fonêmicas ou verbais, preservação da compreensão e desorganização severas da repetição |

CAUSAS

INFARTOS CEREBRAIS, HEMORRAGIAS CEREBRAIS, PROCESSOS EXPANSIVOS (TUMORES), PROCESSOS DEGENERATIVOS(DOENÇA DE PICK, DOENÇA DE ALZHEIMER)

Tabela 1 – Classificação das afasias de acordo com a localização da lesão, o tipo, as causas e as principais alterações

Estudos mais recentes apresentam uma conceituação da afasia mais voltada para as alterações da linguagem, como foi o caso do estudo de Fonseca (1995, p. 5), que expõe a afasia como sendo:

Termo usado para determinar alterações na linguagem oral e escrita resultante de uma lesão cerebral. Por ser um problema neurológico que apresenta como sinal a alteração na produção verbal e escrita, causando grande importância para os estudiosos da neurologia, psicologia e depois de alguns anos também começou a fazer parte dos estudos linguísticos.

Já Coudry, em seus estudos, contribuiu para as pesquisas mais contemporâneas da afasia, enfatizando o funcionamento da linguagem e a reconstrução em sujeitos afásicos.

A afasia se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesões focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação (COUDRY, 1996, p. 5).

Diante dessa breve conceituação e tipologia da afasia, temos embasamento para dar início ao desenvolvimento de duas perspectivas de estudo da afasia. A primeira voltada para aspectos mais organicistas e a segunda, direcionada para pontos linguístico-discursivos.

1.2 AFASIA: A PERSPECTIVA ORGANICISTA

Durante muito tempo, a afasia era apenas vista como um estudo orgânico, onde só a lesão era considerada como de total relevância; e era a partir dessa visão que os profissionais que se destinavam a trabalhar com os sujeitos afásicos desenvolviam seus planos de tratamento. A maioria desses estudos eram realizados pela área de Neurologia e tinham como objetivo apresentar conhecimentos anatômicos e fisiológicos que pudessem caracterizar o que seria a afasia.

Quando consultamos textos sobre a história da afasiologia, pudemos constatar que, durante muitos anos, a afasia vem tendo grande relevância entre os estudos científicos. Conforme a citação abaixo, a afasia vem sendo pesquisada desde a época de Hipócrates e Platão.

Ideias e noções sobre a localização cerebral e as manifestações decorrentes de lesões são mais antigas do que se pode supor. Hecaen & Lanteri-Laura (1977) apresentam um relato detalhado dessas questões desde Hipócrates (460 a.C.) e Platão (422-388 a.C.). (VIEIRA, 1992, p. 9).

O surgimento do enfoque organicista determinou o surgimento dessas pesquisas, que foram de grande relevância para a definição e mapeamento de sinais e sintomas da afasia. O enfoque organicista trouxe a discussão norteadora entre os campos da doença e o doente: a doença é a lesão, é o corpo doente, é o órgão doente. Por isso, julgamos necessário tecer, ainda que de forma breve, algumas considerações sobre a história da afasiologia, para, desse modo, situarmos quando e como o estudo dessa temática começou a ser introduzido no meio científico.

A perspectiva organicista aparece aqui para que os leitores possam observar a evolução de conhecimentos e possibilidades de pensar a afasia não apenas como uma lesão irreversível, mas sim como uma doença que pode apresentar prognósticos surpreendentes. As limitações podem ser superadas, porém, tanto o afásico como seus familiares sabem que o caminho é árduo e doloroso, mas que é possível.

É vasto o universo de trabalhos organicistas que tratam da afasia, as publicações são muitas e correspondem à afasia e a seus exames. Autores organicistas como Kaplan (1979), Goodglass (1979), Luria e Cambier e Dehen (1988) estudam na afasia as questões mais ligadas à localização da lesão e à desorganização fisiológica responsável por essas alterações.

Goodglass e Kaplan (1979) relatam um vasto número de tratados sobre a afasia e seus correspondentes exames. Eles afirmam que o primeiro livro foi também o mais utilizado que foi o *Examining for Aphasia*, de Wepman e Jones (1961) e o *Differential diagnosis of Aphasia with the Minnesota Test*, de Schuell (1965).

Segundo Cambier e Dehen (1988), a afasia é uma desorganização de funções superiores como a linguagem, sendo ocasionadas por lesões estendidas à região de Broca e Wernicke. Abaixo, podemos notar o poder da influência médica no contexto de estudos organicistas.

A afasia é uma noção médica. Significa que uma lesão relativamente limitada do encéfalo pode fazer com que o paciente perca o uso normal da linguagem. As regiões especializadas do córtex do hemisfério esquerdo são a sede habitual dessas lesões. A organização da linguagem é tal que uma lesão limitada nestes pontos estratégicos pode comprometer parcial ou totalmente sua função (CAMBIER e DEHEN, 1988, p. 130-131).

Para Goodglass e Kaplan (1979), os fenômenos da afasia relacionados à localização da lesão e da região que foi mais lesionada era de total importância porque esses requisitos determinavam a desorganização mental, os sintomas que iriam aparecer:

O início da história da afasia é geralmente começo na produção de Broca que apresenta evidências de que a localização da afasia motora no boletim da sociedade de antropologia 1861. No entanto, o fenômeno da perda da fala devido à uma lesão cerebral é tão antigo como a medicina escrita e o trabalho de Benton (1964) estabelece que praticamente todos os sintomas da afasia foram descritos muito antes do século XIX (GOODGLASS e KAPLAN, 1979, p. 11)¹.

Pela citação, podemos observar que os estudos com uma perspectiva organicista são bem antigos e que perpetuam suas raízes em épocas mais recentes, como o século XIX. Por muito tempo, essa visão vem ganhando total relevância nos estudos destinados a afasia.

Os objetivos dos estudos organicistas eram focados em determinar e confirmar a localização da lesão, a classificação da afasia, a evolução do nível da lesão e explorar as possíveis alterações encontradas.

O exame do afásico pode estar a investigar um desses três objetivos: confirmar o diagnóstico e classificação da síndrome afásico em relação à sua localização cérebro. Avaliando o nível de desempenho doente e uma para grande escala determinação inicial e tempo de controle. Exploração das possibilidades funcionais e déficits em todas as áreas de in Language O paciente para ser usado como fio-guia (GOODGLASS e KAPLAN, 1979, p. 12)².

¹ Tradução livre: “El comienzo de la historia de la afasia se ubica generalmente en la conmoción que produjo Broca al presentar la evidencia de la localización de la afasia motriz en El Bulletin de la Societé d’anthropologic em 1861. Sin embargo, el fenómeno de la perdida del habla debido a uma lesión cerebral es tan antiguo como la medicina escrita y el trabajo de Benton (1964) establece que prácticamente la totalidad de los sintomas de la afasia fueron descritos mucho antes del siglo XIX (GOODGLASS e KAPLAN, 1979, p. 11).

² Tradução livre: “El examen del afásico puede efectuarse para investigar uno de estos tres objetivos: confirmación diagnóstica y clasificación del síndrome afásico concierne a su localización cerebral. Evaluación del nivel del desempeño del enfermo en una escala amplia para su determinación inicial y su control de evolución cronológica. Exploración funcional de las posibilidades y déficits de todas las áreas del lenguaje en el enfermo para utilizarlas como guia terapêutico (GOODGLASS e KAPLAN, 1979, p. 12).

Na citação acima, podemos observar que a conduta organicista tem um enfoque muito voltado para a lesão, localização, sinais e sintomas da doença afasia, sendo tais conhecimentos de suma importância para os estudos e pesquisas que têm a afasia como o objetivo de pesquisa.

Autores organicistas como Schuell (1976), Kaplan (1979) e Goodglass (1979) trazem em suas obras enfoques mais organicistas que proporcionaram ao mundo científico o conhecimento da afasia, sendo de grande importância para os pesquisadores da área de saúde.

Segundo Vieira (2006), esses estudos acerca da doença e do doente trazem consigo a localização da lesão e a classificação de sinais e sintomas na afasia para que a medicina classificatória continue seguindo a sua perspectiva organicista, não tendo a linguagem um valor mais significativo.

Estudiosos como Paul Broca (por volta de 1900), Carl Wernicke (1848-1905), Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e Sigmund Freud (1891), entre outros, foram pesquisadores de grande importância nos estudos da afasia e que trouxeram as suas propostas, acrescentando conhecimento para sua época.

Para finalizarmos a explanação deste tópico, já que o objetivo do trabalho não é nos determos à história da afasiologia, queremos explicar a apresentação de sua proposta classificatória das afasias. Freud considera a existência de dois grupos de perturbações da linguagem que produzem uma relação entre a palavra e as associações objectuais,

[...] afasia de primeira ordem, ou afasia verbal, e afasia de segunda ordem, ou afasia simbólica. No primeiro tipo, afasia verbal, estariam perturbadas as associações entre cada um dos elementos da representação da palavra. Na afasia simbólica, a perturbação incidiria sobre a associação entre a representação da palavra e a representação do objeto (VIEIRA, 1992, p. 64).

Os estudos de Sigmund Freud foram de grande relevância para esclarecer algumas nuances da afasia. Os seus estudos foram o ponto de partida para que muitos outros estudiosos em distúrbios da comunicação pudessem embasar suas pesquisas e descobrir que essa doença tão devastadora pode ser estudada por outras perspectivas, como a linguístico-discursiva, por exemplo.

Segundo Acioli (2006), a afasia é um quadro de domínio da neurologia e também dos estudos linguísticos. Foi o então linguista Roman Jakobson que deu os primeiros passos para que os estudos da linguística se tornassem de grande importância para a afasia. Naquela época, os estudos ainda não se relacionavam à linguagem, eram estudos localizacionistas, que visavam à relação lesão-sintoma. No anos 1960 é que Jakobson publica um livro que vem trazer um novo paradigma aos estudos da afasia: o olhar da “doença” a partir do enfoque linguístico.

Hoje em dia, podemos observar que não só as questões orgânicas estão tendo mais visibilidade no contexto da afasia, como também alguns estudos relacionados a alterações da linguagem estão ganhando mais notoriedade. Foram os pesquisadores da área da linguística que desenvolveram esses estudos e, com isso, conseguiram trazer para o contexto da afasia mais um enfoque que contribuiu sobremaneira com os profissionais que estudam e trabalham com sujeitos que estão afásicos.

Embora muito recente, o estudo da afasia no campo da linguística é de grande importância, pois a afasia deixou de ser considerada como um problema apenas organicista, passando a fazer parte dos estudos destinados à linguagem após as pesquisas do estudioso Roman Jakobson, sendo ele o primeiro linguista a tratar da afasia como uma questão de linguagem.

No próximo tópico, nos deteremos ao ponto de vista linguístico-discursivo, nesse campo dos estudos linguísticos as pesquisas sobre afasia têm um papel mais recente, fazendo com que os estudos sobre a afasia estejam relacionados à linguagem.

1.3 AFASIA: A PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

Os primeiros estudos sobre a afasia foram realizados com base no ponto de vista organicista, pois este era o mais estudado por médicos neurologistas. Atualmente, a afasia também está sendo estudada por pesquisadores de área da linguística e áreas voltadas à Psicologia, Fonoaudiologia, entre outras. Foi com os estudos de Jakobson que essa visão começou a mudar. Além dos neurologistas, os linguistas também começaram a ter a afasia como objeto de interesse de estudo.

Roman Jakobson foi um dos pioneiros em abordar a afasia nos estudos da linguística. Esse estudioso teve grande relevância, pois desde 1941 ressalta a importância de se investigar os diferentes aspectos da linguagem na afasia.

Segundo Fonseca (1995), o trabalho desse linguista representa, no contexto dos estudos sobre a afasia, uma exceção, na medida em que se volta não só para a descrição dos sintomas afásicos, mas também e principalmente, para a reflexão sobre a própria natureza da linguagem.

Jakobson colocou a afasia como um problema de linguagem.

Se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem (JAKOBSON, 2008, p. 34).

Quando a afasia começou a fazer parte dos estudos linguísticos, muitas pesquisas priorizavam a afasia e a linguagem como um paradigma de grande importância. “Jakobson acredita que os linguistas têm muito a contribuir no diagnóstico e tipologia das afasias, uma vez que a afasia é um quadro clínico com alterações eminentemente linguísticas” (VIEIRA, 1992, p. 161).

Segundo Jakobson (2008), o atraso nas pesquisas sobre afasia é responsabilidade dos próprios linguistas. Os linguistas começam a entender que a sua interpretação e análise contribuem substancialmente para o entendimento dos problemas ocasionados por uma lesão neurológica que afeta as condições psicológicas, fazendo com que esses achados possam contribuir na examinação das perturbações da linguagem.

A aplicação de critérios puramente linguísticos à interpretação e classificação dos fatos da afasia pode contribuir de modo substancial para a ciência da linguagem e das perturbações da linguagem, desde que os linguistas procedam com o mesmo cuidado e precauções ao examinar os dados psicológicos e neurológicos como quando tratam de seu domínio habitual. Primeiramente, devem familiarizar-se com os termos da afasia; em seguida, devem submeter os relatórios de casos clínicos a uma análise linguística completa; ademais, eles próprios deveriam trabalhar com os pacientes afásicos a fim de abordar os casos diretamente e não somente através de uma reinterpretação das

observações já feitas, concebidas e elaboradas dentro de um espírito totalmente diferente (JAKOBSON, 2008, p. 36).

E é nesse entendimento que os fenômenos afásicos para a linguística já alcançaram um patamar de grande relevância ajudando nas questões ligadas a toda problemática do sujeito afásico. Por isso, hoje em dia vários estudiosos tendem a estudar a afasia numa perspectiva mais voltada para a área da linguística. Entre estes, podemos citar Vieira (2006), Fonseca (2006), Landi (2006), Vorcaro (2006), entre outros. Escolhemos esses pesquisadores, em especial, pela semelhança com os estudos de De Lemos, que teve uma grande relevância teórica em nosso estudo.

Vieira (2006), em seu estudo intitulado “Sobre as afásias: o doente e a doença”, consegue traçar um paralelo entre os problemas deixados pela lesão e a relação negativa que essa doença tem para o doente sempre que se pensa nela como uma questão mais orgânica do que linguística. A lesão é deixada de lado para dar lugar às questões mais ligadas a dificuldades linguísticas. A explanação acima é reforçada na fala de Vieira (2006, p. 244), quando este afirma:

A dificuldade linguística que se impõe ao paciente nos quadros afásicos se apresenta de forma tal que modifica a posição do sujeito em relação ao mundo, à vida aparece como um vazio, um vazio que se traduz em sofrimento. Ser um miserável.

Já Fonseca (2006) estuda o estatuto da entrevista no processo diagnóstico da afasia, que discerne métodos de investigação na clínica, e com isso terá uma nomeação sintomatológica para ser usada no termo afasia. Ela tenta fazer uma ponte entre o aspecto organicista desenvolvido na medicina e a clínica de fonoaudiologia que aborda a clínica da linguagem, investigando dificuldades linguísticas desses sujeitos. E é nesse contexto que Fonseca (2006) diz: Essa abordagem configura mesmo uma clínica que deve ser mencionada como uma clínica de linguagem, já que, nessa perspectiva, a afasia é entendida como um problema linguístico. Ou seja, as ações clínicas pertinentes são instituídas pela existência de uma fala em sofrimento que faz sofrer um sujeito.

Outra pesquisadora de grande relevância nesses trabalhos realizados com os afásicos e para os sujeitos afásicos, é a fonoaudióloga Rosana Landi (2006). No estudo

“Quando o sintoma é de escuta: considerações sobre a diagnóstico de afásicos na clínica de linguagem”, ela considera a proposta que a clínica de linguagem deva considerar o que é dito pelo sujeito afásico para que se possa atribuir o saber da sua condição, instalando esse sujeito em um determinado diagnóstico.

E nesse quadro de pesquisas encontramos também o trabalho desenvolvido pelas autoras Fonseca e Vorcaro (2006), em que destacam uma pesquisa onde o enfoque central é o atendimento fonoaudiológico e psicanalítico de um sujeito afásico. É a partir das suas dificuldades linguísticas, e com o trabalho da psicanálise, que as autoras mostram ao sujeito afásico a sua relação com a fala. Essa fala que está presa em algum lugar da sua singularidade.

Por toda essa importância nos estudos e pesquisas realizados por estudiosos da linguística, para explicar e interpretar os achados das perturbações na linguagem dos sujeitos afásicos, iremos explicar, através dos postulados ligados à teoria linguístico-discursiva, como a interação tem tanta relevância na reconstrução dessa linguagem.

Quando assumimos, neste estudo, uma abordagem linguístico-discursiva, não pretendemos estudar as funções que o emissor ou o receptor têm no diálogo, mas sim entender como se dá esse diálogo através de um processo que é pouco estudado, que é a interação. E, mais adiante, vamos conceituar os termos que servirão de postulados para a compreensão do nosso estudo.

Através desse processo, foi possível perceber o que acontece nos momentos de interação entre os afásicos e não afásicos do Grupo de convivência. Por proporcionar linguagem entre tais sujeitos, o interesse foi ficando maior e a curiosidade em saber como se efetiva esse processo foi ativando nossas inquietações. Por que será que a interação se faz tão importante neste grupo? Ou será que é só com este grupo? Como os sujeitos afásicos conseguem interagir, se a sua linguagem, não conseguem ter uma construção verbal e escrita? Será que eles realmente conseguem interagir? Esses questionamentos seguem no decorrer deste trabalho e são eles que nos fazem pesquisar: o que na verdade seria interação? Como se pode ter interação? Será que precisamos ter uma linguagem oral e escrita para o processo de interação?

Esses questionamentos nos levaram a procurar referenciais teóricos que explicassem o que seria realmente a interação e qual a função que exerce no momento do discurso. É através da interação que o contato social e a produção discursiva podem se tornar favorecidas. De acordo com Possenti (2002), a interação constrói possibilidades de reconhecimento de si mesmo no outro através do discurso.

Sendo a interação um processo que se faz presente e com ela os sujeitos afásicos conseguem interagir, é preciso estabelecer algumas diretrizes teóricas que foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. A interação é o postulado principal e tomamos como instrumento explorador deste estudo a Análise do Discurso, que foi de crucial importância para os esclarecimentos feitos da problemática do estudo e dos objetivos e que estão mencionados no capítulo III.

1.3.1 A Análise do Discurso

No primeiro momento destas reflexões em torno da interação e do discurso, é de total importância e interesse em saber do porquê da escolha pela teoria da Análise do Discurso para dar suporte ao estudo do discurso do afásico mediado pela interação entre sujeitos afásicos e destes com sujeitos não afásicos.

1.3.1.1 Discurso

A palavra discurso, segundo Orlandi (2007), tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é um evento interativo que expressa o pensamento materializado em uma estrutura escrita ou oral. O discurso é uma materialização linguística de um efeito de sentido (POSSENTI, 2002) e sua análise, um exercício de interpretação desse sentido (ORLANDI, 2007).

É através desse discurso que as pessoas interagem, sendo de uma mesma cultura, de um mesmo povoado ou de culturas diferentes. Além de promover a interação, o discurso também tem a função de expressar o que quer ser dito.

Para Possenti (2002), o discurso se constitui pelo trabalho com e sobre os recursos de expressão, que produzem determinados efeitos de sentido e condições de produção. É nesse discurso que extraímos ideias que, muitas vezes, ficam por trás de palavras fortes e que fazem um jogo metafórico. Segundo Orlandi (2007), o discurso é, assim, a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Ainda de acordo com Orlandi (2007), o discurso é o mediador entre o homem e a realidade natural. Esse discurso se torna possível tanto pela permanência e continuidade, quanto pelo deslocamento e a transformação do homem e da realidade em

que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Fernandes (2007) considera que o discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade para a sua existência material; realiza-se, então, por meio de uma materialidade linguística, cuja possibilidade firma-se em um ou vários sistemas (linguísticos e /ou semióticos) estruturalmente elaborados. Ou seja, o estudo do discurso considera, em suas análises, não apenas o que é dito em dado momento, mas as relações que esse dito estabelece com o que já foi dito antes e, até mesmo, com o não dito, atentando, também, para as formações discursivas a que se filiam o discurso.

Para Orlandi (2007), nesse contexto, a língua não é trabalhada como um sistema abstrato, mas como a língua no mundo, com maneiras de significar, com homem falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Milner (1989) destaca que todo processo de matéria da língua passa pelos seguintes pontos:

- Todo sujeito é capaz de julgar os dados da língua e de fazê-lo diferentemente;
- No seio da comunidade de falantes é possível encontrar um sujeito que julgue impossível o uso de uma dada forma, e outro que a julgue possível;
- O uso por um sujeito de uma forma julgada impossível na língua é sempre materializada possível. Nada impede alguém de proferir um determinado enunciado como bem lhe aprouver.

Essa relação do impossível e do possível na língua está muito presente no cotidiano linguístico do sujeito afásico. É a língua que não está mais sendo possível e que faz falta.

A consideração da língua (la langue, do impossível que escapa a toda simbolização) e de seus efeitos-sintomas na linguagem: o equívoco, o lapso, o ato falho, todas as modalidades, em relação aos processos de constituição do sujeito e do sentido (MILNER, 1978).

A construção conceitual do discurso, do ponto de vista da história da Análise do Discurso, levou em consideração as reflexões teóricas atinentes a duas dimensões do real: a da língua e a da história. Segundo Pêcheux (1969), fundador da Análise do Discurso de linha francesa, um dos suportes teóricos deste trabalho, em um primeiro momento, essas reflexões privilegiavam a relação existente entre as noções de estrutura e valor da língua e as de condições de produção e de contradição de classe. As primeiras atuavam prioritariamente nas diferenças interventivas existentes na base material da produção de sentidos; enquanto que as últimas, na influência exercida pelos processos sócio-históricos sobre os processos discursivos.

Ainda de acordo com Pêcheux (1975; 1983), a essas noções somaram-se às de inconsciente (como importante ferramenta de interpelação ideológica no que se refere ao processo de construção do sujeito); e de acontecimento (como instância de cruzamento entre a atualidade e uma memória).

A consideração das noções de língua e acontecimento como modalidades do real interferiram de forma determinante na integração dos conceitos de língua e história, visto que tal consideração intervém na proposição de novos sistemas simbólicos como base material para a produção de efeitos de sentido.

Nesse caso, a determinação do real sobre os processos de construção do sujeito e de produção de efeitos de sentido, compreende duas possibilidades/efeitos materiais fundados na necessidade: (a) um (a) de positividade, voltado para a descrição de algo como esse algo é; (b) um (a) de negatividade/ de negação, referente à descrição de algo e a partir do que esse algo não pode não ser.

Da imbricação dessas relações emerge a possibilidade de consideração do acontecimento como uma contingência dos processos de produção; emergência que traz a indeterminação como possibilidade a esses mesmos processos.

É desses elementos da linguagem que o discurso deixa de ser pensado como fala. Segundo Orlandi (2007), o discurso não pode corresponder à definição que a fala tem na linguagem, na produção do discurso. O próprio discurso tem o seu funcionamento e sua regularidade.

Pêcheux (2002) acredita que os procedimentos de trabalho da Análise do Discurso são realizados para a (des) construção e compreensão incessante de seu objeto: o discurso.

A proliferação do termo discurso acarreta para a linguagem um sentido diferente, uma concepção distinta dessa linguagem. E, com isso, toda essa modificação traz a influência de diversas correntes que vieram para somar ideias e força.

Para Foucault (2007), o discurso, como a psicanálise nos mostrou, não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo. No discurso existe uma relação de desejo e poder. E essa relação de desejo e poder é que fica meio que estagnada entre as alterações que a afasia faz sucumbir.

Com uma definição mais sucinta do que seria o discurso, podemos esclarecer com um aparato teórico o porquê de termos escolhido, neste estudo, a Teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Esclarecemos aqui os postulados da Análise do Discurso que vão guiar esta pesquisa. A fim de tornar mais fácil o entendimento para o leitor, retomaremos, no Capítulo III, a Teoria Análise do Discurso como um procedimento de análise.

1.3.1.2 A Análise do Discurso de linha francesa

A história da Análise do Discurso (AD) se torna muito complexa e nasce de encontros e desencontros. A presente pesquisa não tem como objetivo maior estudar a AD na sua essência, mas, sim, o desenvolvimento do discurso através da interação. Faremos uma breve abordagem dessa teoria para que no Capítulo destinado à metodologia, fique mais fácil entender a razão de termos escolhido a AD como instrumento de investigação.

A Análise do Discurso de linha francesa nasce em meados da década de 1960 e surge na França, onde um dos seus precursores foi Michel Pêcheux, que coloca em cartaz o discurso como objeto de estudo.

Na conjuntura teórica da França aos anos 1968-70, em um momento em que emerge o sentimento dos limites e do relativo esgotamento do estruturalismo, nasce AD, presidida pela linguística e pelo marxismo, tendo inscrito no seu projeto um objetivo político: usar a arma científica da linguística como um novo meio para abordar a política (MALDIDIER, 1994, p. 175 apud BRANDÃO, 2003).

É imbuído dessa necessidade de analisar o discurso político que, com a urgência teórica nasce a Análise do Discurso, sendo, com isso, um modo de leitura para interpretação desses fatos. E é nesse contexto de interpretações do discurso para desvendar fatos da época política que a fala de Malidier relata a conjuntura teórica que estava vivendo a França.

Brandão (2003) relata que, nos estudos de Malidier, a emergência da disciplina que mais tarde passa a ser denominada Análise do Discurso de linha francesa tem uma dupla fundação centrada na atuação de Jean Dubois e Michel Pêcheux.

Apesar da diferença de formação e exercício profissional, Dubois (linguista, lexicólogo, já consagrado na época) e Pêcheux (filósofo, situando-se no campo da história das ciências, influenciado mais tarde pelas ideias de Foucault) atuam em um espaço comum: o do marxismo e da política (BRANDÃO, 2003, p. 5).

A AD consiste em uma corrente que trata a língua em sua formação de domínio, está ligada às condições históricas e culturais, atendendo às perspectivas não formais da linguagem, privilegiando as condições de produção, recepção textual, como os efeitos de sentidos.

A AD prioriza elementos que vão além do ato de comunicar, isto é, a língua não transmite só informações, mas leva consigo o contexto sócio-histórico e ideológico em que determinadas produções discursivas foram produzidas. O discurso ultrapassa a língua e a linguagem e leva com ele aspectos ideológicos e sociais. É este conceito que expressa Gregolin na citação abaixo:

O discurso é a materialização e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelo sujeito do discurso, por isso mesmo a AD se situa em três regiões do saber científico: a linguística, para explicar os processos de enunciação; o materialismo histórico para explicar os fenômenos sociais e o assujeitamento do sujeito pela ideologia e psicanálise que explica a subjetividade e a relação do sujeito com o símbolo (GREGOLIN, 2003, p. 18).

A Análise do Discurso (AD) é conceitualmente concebida a partir de suas relações com a linguística, a história e a Psicanálise. A relevância da AD está na investigação de como os indivíduos interagem pela linguagem e a descrição das funções que formas linguísticas realizavam em práticas discursivas. A AD tem como objetivo detectar os diferentes processos discursivos no contexto social.

Na AD, a ideia de que o sujeito não é dono do seu discurso, mas sim assujeitado por ele, foi constituída através dos três pilares epistemológicos, apontados abaixo:

- O aparelho social, estipulado pelo materialismo de Althusser;
- A intervenção do inconsciente, interiorizada pela Psicanálise Lacaniana
- A convenção social linguística extrínseca ao sujeito, herdada do Estruturalismo de Saussure.

Desde sua gênese, a Análise do Discurso (Francesa) tem se caracterizado por sua dimensão multidisciplinar, ou seja, por sua possibilidade de aplicação/relevância acadêmica de diferentes matizes, sendo as ciências humanas (linguística, história, Psicanálise) seu principal campo de aplicação.

Tendo em vista essa multidisciplinaridade, os estudos arqueológicos foucaultianos referentes à intertextualidade e à interdiscursividade, isto é, das discursividades social e historicamente situadas, a análise discursiva perde paulatinamente seu caráter classificatório, conferindo novas possibilidades de análise aos discursos legitimados.

Além do contato entre línguas de estatuto social diferente, os desnivelamentos intralinguísticos entre “códigos” sociais diferenciados (e tomados em relações de força simbólicas de dominação, resistência etc.) são o objeto de estudos macrossociológicos diferenciais, suscetíveis de encontrar certas perspectivas de pesquisa em análise de discurso, especialmente aquelas que repousam sobre a noção de covariância entre um campo discursivo considerado como linguisticamente homogêneo e um conjunto de determinações sócio-históricas consideradas como metodologicamente estáveis (PÊCHEUX, 1983, p. 49-50).

Na citação acima, Pêcheux ainda acreditava em uma só formação discursiva no discurso, estando seu pensamento neste momento classificado na primeira época da AD. Essa concepção de Análise do Discurso envereda pelo universo das interações recíprocas decorrentes das relações de confronto e conflito entre os indivíduos emergentes, por sua vez, do convívio social. Nesse caso, a linguagem assume o papel de uma das modalidades/ manifestações reais e/ou simbólicas de interação através da qual as relações de confronto-conflito acima mencionadas se materializam.

Simultaneamente, todo sujeito, seja ele viajante comercial, diplomata, dona de casa [...] ou universitário, experimenta em sua vida (em seus gestos e palavras mais corriqueiros, bem como em seus encontros mais dramáticos consigo mesmo) de que modo, para ele, esse domínio falha. Nessa experiência singular da falha (fracasso, beância...), evidencia-se a tomada inconsciente pela qual o sujeito está submetido à castração simbólica. Essa ferida narcísica, que não se confunde, de modo algum, com os limites inerentes às limitações biológicas ou sociológicas (por exemplo, o lapso é diferente do fracasso de um comportamento ou de um comportamento de fracasso), constitui o estranhamento familiar com o qual todo sujeito humano é confrontado. E aqui, ainda, não é necessário ser nenhum “especialista” para saber algo sobre isso, sendo até, por vezes, uma deficiência (PÊCHEUX, 1983, p. 52).

A Análise do Discurso reconhece como campo central a exposição de relações discursivas logicamente não estabilizadas (interdiscursividade-intradiscursividade) mediante formulação de enunciados:

A análise de discurso não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a *níveis opacos à ação estratégica de um sujeito* (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito de interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro). “Não se trata de uma leitura plural na qual um sujeito joga multiplicando os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura na plural o sujeito é, ao mesmo tempo, despojado e responsável pelo sentido que lê”. [...] Para [a análise de discurso], basta trabalhar suas próprias problemáticas e procedimentos: o desafio crucial é o de *construir interpretações*, sem jamais neutralizá-las, nem no “qualquer coisa” de um discurso sobre o

discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal (PÊCHEUX, 1983, p. 53-55).

1.3.1.3 A AD e suas fases

Durante a evolução da AD, três fases foram instituídas e com elas a AD foi solidificando a sua teoria e a sua história.

Tendo como ponto de partida um modelo mecanicista de compreensão, na primeira fase da Análise do Discurso (AD-1), os discursos são analisados a partir de sua estrutura (estruturalismo), sendo discutidas suas variações como produtores e como produtos de subjetividades fundadas na “suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso” (PÊCHEUX, 1983, p.311). Segundo esse entendimento, o discurso apresenta como possibilidade a sucessão de dois gestos discursivos: (a) a reunião de traços discursivos empíricos (“*corpus* de sequências discursivas”) a partir de sua compreensão como subprodutos justapostos de uma única máquina discursiva (como exemplos, um mito ou uma ideologia).

A análise linguística é considerada como uma operação autônoma, efetúvel exaustivamente e de uma vez por todas. Ela supõe a neutralidade e a independência discursiva da sintaxe; ela é opaca em relação à enunciação e às restrições subjacentes ao fio do discurso (quer dizer que ela as leva em conta implicitamente) (PÊCHEUX, 1983, p. 312).

[...] a análise discursiva do *corpus* consiste principalmente em detectar e em construir sítios de identidades parafrásticas intersequenciais (isto é, entre fragmentos de sequências saídas de discursos empíricos diferentes): enquanto pontos de variação combinatória, estas identidades parafrásticas formam o lugar de inscrição de *proposições de base* características do processo discursivo estudado. Uma indicação dos trajetos que conectam essas proposições entre si prolonga eventualmente a análise (PÊCHEUX, 1983, p. 312-313).

Conclusão: AD-I é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as “máquinas” discursivas constituem unidades justapostas. A existência do *outro* está pois subordinada ao primado do *mesmo* [...] (PÊCHEUX, 1983, p. 313).

Centralizando os estudos nas justaposições identificadas e nas desigualdades decorrentes dos entrelaçamentos discursivos, a segunda fase da Análise do Discurso (AD-2) elege as relações estabelecidas entre as máquinas discursivas como objeto de análise. Essas relações emergem de relações desiguais de poder, materializadas nos processos discursivos como “dispositivos” que se influenciam mútua e desigualmente.

A noção de *formação discursiva* tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “pré-construídos” e de “discursos transversos”) (PÊCHEUX, 1983, p. 314).

Ainda tomando Foucault (2007) como referência, a noção de interdiscurso surge como a emergência exterior de uma formação discursiva evidenciada por sua subsunção à lei de repetição estrutural fechada. “O fechamento da maquinaria é, pois, conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um ‘além’ exterior e anterior” (PÊCHEUX, 1983, p. 314). Nesse sentido, cabe à AD-2 identificar os pontos de conflito discursivo nas fronteiras discursivas internas decorrentes das relações desiguais estabelecidas, mediante efeito de assujeitamento à maquinaria da forma discursiva.

Do ponto de vista dos procedimentos, AD-2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível da *construção* dos *corpora* discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada (PÊCHEUX, 1983, p. 315).

O processo de desconstrução das maquinarias discursivas inaugura a terceira fase da Análise do Discurso (AD-3).

O que faz com que textos e sequências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o *espaço de memória* de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal *corpo interdiscursivo de traços* se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela mas também nela? (PÊCHEUX, 1983, p. 317).

Se o pensamento que se confronta com um “tema” sob um certo “ponto de vista” é uma *posição no interior de uma rede de questões*, como esta posição vem se inscrever, de uma só vez, nas figuras da “troca” conversacional (do diálogo à ruptura, passando por todas as formas de conflito) e nas figuras que põem em perspectiva, como gesto que estrutura um campo de leituras (indicação de filiações, de “trajetos temáticos” convocando séries textuais heterogêneas)? O que é que faz, desse modo, o *encontro* entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões? (PÊCHEUX, 1983, p. 317-318).

A AD finalmente concretiza os seus laços com a desconstrução da máquina discursiva e com o aparecimento do sujeito assujeitado pelo discurso de um outro e pelo seu próprio discurso.

A Tabela a seguir expressa com clareza essas três fases e os seus pontos de maior importância:

| TRÊS FASES DA AD | | |
|---|---|--|
| AD 01 | AD 02 | AD 03 |
| PERÍODO DAS MÁQUINAS DISCURSIVAS | FORMAÇÕES DISCURSIVAS | O PRIMADO DO INTERDISCURSO |
| Início, em 1969, com o lançamento da obra inaugural <i>Análise Automática do Discurso</i> , de Michel Pêcheux | Iniciado em 1975, com a publicação de <i>Les Vérités de La Palice</i> , também de Pêcheux | O discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos |
| Fase do discurso autoritário e político-teórico/doutrinário. | Revisão de alguns conceitos da AD 01 com a noção de formações discursivas de Foucault | O interdiscurso passa a ser visto como o objeto de investigação da AD, sobretudo a partir dos trabalhos de Jaqueline Authier-Révuz |
| Processo discursivo assemelha-se a uma máquina discursiva | Determina o que pode/deve ser dito a partir de outro lugar social que o sujeito ocupa | Authier-Révuz abre as discussões sobre FD, criando a teoria heterogeneidade mostrada e da |

| | |
|---|--|
| A FD é constituída por regras sociais e é constituída por outras FDs | heterogeneidade constitutiva do discurso |
| Anuncia a noção de heterogeneidade do discurso, que passa a conceber a função interdiscursiva no funcionamento da linguagem | |

Tabela 2 – As três fases da AD com seus princípios fundamentais

Assim, a Análise do Discurso explora e expõe essa relação entre o homem e a linguagem para que algumas reflexões sejam explicadas. Segundo Caregnato e Mutti (2006), o processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentido para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais e escritos) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal.

1.3.2 Condições de produção do discurso e a interação entre os sujeitos Afásicos e não Afásicos participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP

As condições de produção de discursos constituem uma noção referente aos elementos condicionantes de um discurso, que podem estar relacionados: (a) à dimensão situacional (contexto específico) à qual o discurso se refere ou da qual emerge; e (b) conhecimento preexistente (conteúdo discursivo) acerca do discurso (memória discursiva ou interdiscurso).

Concordando com Possenti (2002, p. 107), para quem as condições de produção “condicionam, mas não determinam” o discurso, buscamos, a partir dos estudos de Orlandi (2007), identificar e caracterizar as condições de produção do discurso, correlacionando-as com o nosso objeto de investigação e com os objetivos aos quais este estudo se propõe.

Para essa autora, as condições de produção podem ser consideradas em um sentido estrito e em um sentido amplo. No primeiro caso, as condições de produção são

circunstanciais à enunciação, ou seja, referem-se ao momento imediato, pontual; enquanto que no segundo, tais condições abrangem os contextos sócio-histórico e ideológico do discurso em questão, tratando, portanto, das dimensões e aspectos preexistentes ao suprarreferido momento imediato.

Considerando tais reflexões e sua relevância para a Análise do Discurso, Orlandi (2007, p. 30) pondera:

O que são pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental [...] (grifo nosso).

Diante disso, e considerando as duas possibilidades de entendimento das condições de produção de discursos, verificamos serem essas condições de produção analisadas neste estudo: (a) indivíduos afásicos e não afásicos participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP (sujeitos); (b) os processos interativos promovidos pelas atividades realizadas pelo Grupo através de suas vivências (situação); e os processos interativos em si mesmos, quando considerados dentro dos objetivos do Grupo (institucionais) e dos participantes (pessoais) como usuários do serviço oferecido.

Nesse sentido, e retomando as duas possibilidades de compreensão das condições de produção, consideramos que, no caso específico de nosso estudo, o sentido estrito se refere aos processos de interação promovidos pelo Grupo quando de suas vivências, tanto dos indivíduos afásicos entre si, quanto destes com os indivíduos não afásicos (equipe profissional/ voluntários e familiares/ acompanhantes). Já no sentido amplo, o contexto social no qual se insere cada indivíduo afásico, em relação à sua própria história de vida e, assim, aos objetivos pessoais que os levaram a buscar os serviços oferecidos pelo Grupo.

A memória, nesse caso, desempenha um papel fundamental nas relações estabelecidas no Grupo, visto que

A memória [...], tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso.

Este é defendido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retoma sob a forma do pré-construído, o pré-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2007, p. 31, grifos nossos).

Dessa forma, a memória (inter) discursiva assume uma função analítica fulcral no que se refere à análise dos processos interativos estabelecidos/mantidos pelos participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP, na medida em que intervém consideravelmente no nível de significância atribuído pelos mesmos – mediante saberes e experiências pessoais preexistentes – ao componente interacional promovido pela convivência.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em momento particular, se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa ser sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 2007, p. 33-34, grifos nossos).

Nossas constatações estão expressas na Tabela abaixo:

| CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO (dispositivo analítico dos processos interativos identificados/ verificados) | | | | | |
|--|---|---|---|--|--|
| <i>Possibilidades de estabelecimento de relações discursivas</i> (ORLANDI, 2007 e POSSENTI, 2002) | | <i>Possibilidades de consideração frente aos processos interativos promovidos/ vivenciados</i> (ORLANDI, 2007) | | <i>Condições de produção de discursos</i> (ORLANDI, 2007) | |
| Dimensão situacional (especificada des do contexto considerado) | Conhecimento preexistente (conteúdo discursivo) | Sentido estrito (momento imediato) | Sentido amplo (incidência e repercussão contextuais) | Sujeito(s) | Situação |
| <i>Atividades propostas pelo Grupo de</i> | <i>Conhecimentos referentes à afasia e às consequências</i> | <i>Processos interativos desencadeados em</i> | <i>Processos interativos desencadeados entre os</i> | <i>Indivíduos afásicos e não afásicos</i> | <i>Os processos interativos promovidos</i> |

| | | | | | |
|--------------------------------|---|--|---|--|---|
| <i>Convivência de Afásicos</i> | <i>desse distúrbio sobre a vida social dos indivíduos por ele acometidos (história de vida)</i> | <i>decorrência das atividades propostas no e pelo Grupo entre os indivíduos afásicos</i> | <i>indivíduos afásicos e não afásicos, em decorrência dos avanços obtidos nas atividades propostas pelo Grupo</i> | <i>participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP</i> | <i>pelas atividades realizadas pelo Grupo através de suas vivências</i> |
|--------------------------------|---|--|---|--|---|

Tabela 3 - Construção do dispositivo analítico de investigação elaborada com base na identificação e caracterização das condições de produção de discursos a partir de Orlandi (2007) e Possenti (2002)

1.4 A INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA DE CLAUDIA DE LEMOS

Para melhor entendimento do leitor, foi de total importância mostrarmos uma definição do que seria interação, pois essa conceituação foi fundamental para o aprofundamento deste aspecto da pesquisa.

Neste estudo a interação tem o papel principal, pois é a partir das descobertas desse processo que o discurso dos sujeitos afásicos está sendo reconstruído. Por isso, nos embasamos na linguista De Lemos para subsidiar nossas discussões a respeito do que seria a interação.

1.4.1 Interação

O que desejamos aqui não é expor a teoria de aquisição da linguagem. O que foi pensado para este momento foi uma breve discussão acerca da construção do conceito de interação, para que, no desenvolvimento do capítulo III (análise de dados), possamos chegar à relevância desta para a reconstrução da linguagem do sujeito afásico.

A conceituação de interação, neste estudo, nos remete à significação de acolhimento, de intencionalidade, de direcionamento, de interação entre os sujeitos.

A interação, na ótica da linguista De Lemos (1998), é compreendida como um processo que desencadeia a comunicação, porém é muito mais que uma extensão da comunicação que chega a influenciar a linguagem pela intenção de linguagem a partir da fala do outro. Na dimensão da interação, o outro tem um destaque muito importante,

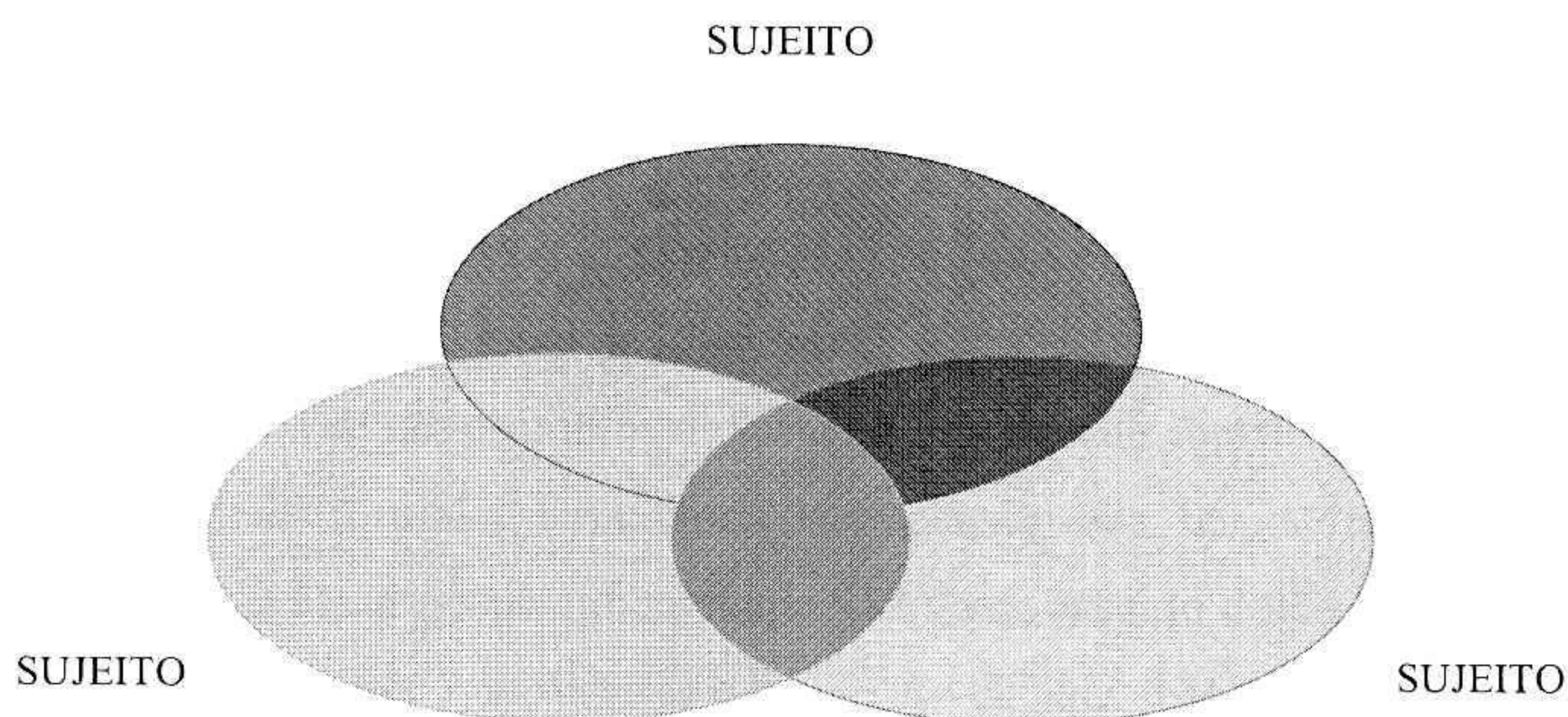
pois, além de ser fornecedor do *input*, o outro é de total relevância para o processo de desenvolvimento da linguagem.

Foi nesse contexto que De Lemos (1998), para a aquisição da linguagem da criança, precisava que o outro interviesse como sendo mediador entre a criança e a língua. Foi a partir desse entendimento que o termo interação passou a fazer parte da teoria da aquisição da linguagem dessa autora, não só como forma do outro ter uma intenção de comunicação, mas também de fazer com que o outro seja um mediador para internalização dessa língua.

Em outros termos, esse pioneirismo no desenvolvimento da teoria da aquisição de De Lemos reconhece o valor do outro e dos efeitos que a linguagem do outro causa.

Dessa forma, pensando nos estudos de De Lemos, podemos dizer que a interação é uma relação de simetria existente entre o sujeito que tem intenção e um sujeito que entende. É nessa relação que a interação vai estar sempre fazendo a linguagem estar em movimento, reconhecendo o outro como lugar onde a língua funciona. Essa interação é apresentada como uma relação entre o outro e a criança, ou o outro e o idoso, ou o outro e um sujeito adulto e/ou o outro e o sujeito com limitações linguísticas, distúrbio de linguagem, como é o caso do sujeito afásico.

Para um melhor entendimento dos possíveis leitores em relação ao nosso trabalho, elaboramos um Esquema que expressa o poder que a interação tem para que a linguagem seja adquirida, desenvolvida e reconstruída, e para que o sentido social da linguagem tenha funcionamento.



Esquema 1 - Representa a interação presente entre os sujeitos, onde o ponto de encontro de todos os círculos representa o ápice da interação entre os sujeitos

1.4.2 Os princípios da Teoria da aquisição da linguagem

Na teoria da aquisição da linguagem, o ponto fundamental é a construção e reconstrução do objeto linguístico, e, na afasiologia, o mesmo objeto de estudo deseja ser almejado só que com adultos que sofreram lesões neurológicas. Por causa das limitações e dificuldades que a afasia produz na linguagem de sujeitos afásicos, os sentimentos de apreensão e angústia ficam mais exacerbados. O fato é que estes afásicos já exerceram essa linguagem e têm plena consciência de que antes fazem uso da sua linguagem.

Em relação à afasia, estamos estudando a reconstrução da linguagem de sujeitos adultos que dominavam e interpretavam a sua língua e, por motivos orgânicos, deixaram de ter o domínio dessa fala, mas não da língua. Por isso, a ideia central deste trabalho é perceber quais os processos envolvidos para a reconstrução dessa linguagem que, de alguma forma, está perdida dentro do próprio sujeito afásico.

No Brasil, De Lemos é a principal pesquisadora desse processo que ocupa lugar de destaque nas pesquisas direcionadas à linguagem. De acordo com seus estudos³, a década de 1970 presenciou a afirmação de uma nova corrente designada pelo termo INTERACIONISMO, com posição epistemológica distinta quer do racionalismo, quer do empirismo. Essa teoria está centrada nas propriedades estruturais da língua, tendo como foco a interação criança/aprendiz e adulto.

Para melhor acompanhar a discussão sobre o Interacionismo de De Lemos, vamos mostrar um pouco da historicidade desses estudos iniciados há 23 anos, em razão de determinado ponto de vista não estar respondendo aos questionamentos que estavam surgindo sobre o processo de aquisição da linguagem.

Com o surgimento de novos pontos de vista no processo de aquisição, De Lemos sentiu a necessidade de formular uma teoria que conseguisse responder aos seus questionamentos para explicar acontecimentos que já tinham surgido desde a época dos estudos de Vygotsky e Bruner, que surgirão no processo de aquisição da linguagem.

³ Cf. Lemos (2001).

Essa dificuldade provinha tanto do que a fala da criança repetia, espelhava da fala do adulto quanto do que na época se denominaria sua não produtividade. Uma flexão verbal ou um fragmento de um enunciado em que se podia reconhecer parte de uma estrutura sentencial só ocorriam em determinadas situações ou com um determinado verbo. A proposta de Chomsky em **Aspects** (1965) que parecia inspirar a descrição, longe estava ela de ser tomada conceitualmente. O máximo que a noção de criatividade, corolário do estatuto teórico na língua definida como possível, isto é, não coincidente com qualquer “corpus” finito, produziu foi essa noção de não produtividade, operacionalizada por Bloom através de um tratamento estatístico que ia de encontro ao infinito de sentenças a que o enunciado quase-aforístico de Chomsky remetia (DE LEMOS, 1998).

Segundo De Lemos (2001), a linguística não permite nem descrever nem explicar isso, já que a categoria “outro” não existe teoricamente para ela, nem há condições para que nela seja aberto um lugar que possa tratar de fragmentos não analisados, já que qualquer teoria linguística pressupõe a língua como articulada, estruturada, o que fazer com isso? Que linguístico é esse que comparece na fala inicial da criança?

Para resolver esse impasse, a autora resolveu buscar na Psicologia do Desenvolvimento a resposta para os seus questionamentos. Foi então que, ao estudar o pesquisador Bruner, conheceu uma linha de pesquisa chamada interacionismo. A partir dos anos 1990, De Lemos se afasta da Psicologia do Desenvolvimento e se aproxima da Psicanálise, revendo muitos aspectos de seu trabalho, como os processos, a dialogia e o próprio interacionismo.

Bruner era, naquele momento, quem conduzia essa linha de pesquisa, já cunhada então de interacionista, na medida em que privilegiava a interação, a saber, “os formats” em que se podia emoldurar o que se apresentava à primeira vista como regularidades enunciativas da relação mãe-criança (DE LEMOS, 1998).

Pensando nesse espelhamento que o outro trazia na linguagem da criança e na heterogeneidade que o enunciado da criança estava sendo construído, essa ação na linguística ficou sendo o diálogo. E essa unidade de diálogo seria analisada.

Encontrando na fala da criança os resíduos da fala do outro, seria possível conceber essa criança como sujeito falante.

Tratar o diálogo do ponto de vista linguístico significava também a insistência na procura de uma teoria sobre a linguagem, dentro ou fora da Linguística, que pudesse dar conta dessa passagem da fala da criança enquanto fala não analisada do outro para uma fala articulada, no sentido em que uma fala articulada supõe cortes_ termos_ e posições que os determinam. Ou ainda, que significar é efeito de uma atividade que é basicamente gramatical, isto é, que supõe uma cadeia significante em que nenhum elemento significa em si e por si só (DE LEMOS, 1998).

Nessa teoria, o outro assume um papel de total importância, pois é através da interação dele com a criança que a linguagem será desenvolvida. O outro possibilita à criança a entrada no funcionamento da língua, entendendo a criança como falante.

A trajetória dos estudos sobre a aquisição da linguagem é árdua e exige muita atenção de quem a observa. Nessa longa trajetória, diversos pontos vão sendo descobertos e analisados de forma que hoje, nos estudos voltados para a teoria interacionista, é utilizado um critério de referência que possa identificar a mudança de fases da criança no processo de fala *infans* para o sujeito falante.

O que se tem chamado de desenvolvimento da linguagem como processo de subjetivação coloca em questão não só o processo de aquisição de linguagem como aquisição de um conhecimento sobre a língua quanto o pressuposto de que esse conhecimento adquirido implique em desenvolvimento. Falar em processo de subjetivação significa colocar a anterioridade lógica da linguagem relativamente a um corpo pulsional que é por ela capturado e significado (DE LEMOS, 1999).

Nesse sentido, a autora concebe esse processo aquisitivo não apenas como a simples aquisição da linguagem, mas, da internalização desta de forma ampliada, referente ao conjunto de conhecimentos sobre a língua; processo no qual a atribuição de significado mediante subjetivação se sobrepõe.

Para essa autora, o “chamado problema lógico da aquisição de linguagem é, pois, a atribuição ao indivíduo da espécie humana de um dispositivo inato para adquirir

linguagem, em um tempo relativamente curto e fora de uma situação de ensino-aprendizagem” (DE LEMOS, s/d, p. 3, grifo nosso). Essa última afirmação é bastante ilustrativa da problemática ora abordada, uma vez que, ao considerar a existência de dispositivo humano responsável pela aquisição da linguagem, sugere que também em decorrência de distúrbios da linguagem, como a afasia, esse dispositivo atue de forma a buscar possibilidades de reconstrução da linguagem, de maneira que o processo de subjetivação também nesse caso, seja preponderante ⁴.

Na teoria interacionista, o sujeito da Psicanálise também se faz presente nas nuances do desenvolvimento da aquisição da linguagem. De Lemos encontrou fundamentos teóricos na Psicanálise para diversas situações nas quais a linguística não foi capaz de explicar. E é essa teoria interacionista, agora chamada de Teoria de Aquisição da Linguagem, que tenta explicar a constituição da fala da criança enquanto fragmento da fala do outro, desafiando assim outras concepções.

A Tabela abaixo mostra a trajetória científica dessa autora pelas descobertas e a concretização teórica no processo de desenvolvimento da aquisição da linguagem.

| INTERACIONISMO (TRÍPLICE CATEGORIZAÇÃO) (DE LEMOS, 2001) | | | |
|--|--|--|---|
| INTERACIONISMO 1 | INTERACIONISMO 2 | INTERACIONISMO 3 | ATUALIDADE |
| <p>Conhecido pelo neologismo “manhês”. Registra as marcas da pessoa que interage com o aprendiz, geralmente sua própria mãe.</p> | <p>Noção da expressão Intenções comunicativas.</p> | <p>Baseado nos estudos de Bruner, De Lemos, retoma a questão da aquisição da linguagem fazendo um paralelo com a situação dialógica.</p> | <p>Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem. Partes desse artigo foram apresentadas em uma conferência plenária da 6th Internacional Pragmatics Conference, Publicado no livro: <i>Aquisição, patologias e clínicas de linguagem.</i></p> |
| O manhês supõe a | Inspirados em Searle | Estes trabalhos podem | Outro trabalho atual |

⁴ Nesse caso, o processo de subjetivação estaria intimamente atrelado às atividades propostas no Grupo de Convivência da UNICAP, e teria seus resultados decorrentes das interações recíprocas mantidas por estas entre indivíduos afásicos e não afásicos.

primazia da transmissão ou facilitação, retratando a criança como uma reprodutora.

como nos numerosos estudos sobre a relação mãe-bebê surgidos no âmbito da literatura psicológica dos anos 1970.

centrar-se ainda na questão da continuidade estrutural entre o pré-linguístico e o linguístico, ou, detendo-se nas primeiras produções da criança.

desta autora foi: “Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos”. Uma primeira versão desse trabalho foi apresentada no V Encontro Nacional e I Encontro Internacional sobre Aquisição de Linguagem, realizado de 2 a 7 de outubro de 2000.

Um enfoque de bastante relevância surgiu dentro do manhês: o da “sintonia fina”.

Levanta a questão: Desenvolvimento cognitivo ou dotação inata para a linguagem?

Os pressupostos dessa tendência acabam por ignorar a indagação de como a linguagem e interação se articulam.

Tabela 4 – Particularidades de cada categoria/tendência mediante explicitação de seus principais postulados

Com isso, verifica-se que é com base nos estudos De Lemos sobre a Corrente Interacionista que o termo interação toma uma força nos estudos da Aquisição da Linguagem. Porém, tendo em vista o direcionamento teleológico de seus estudos e o público-alvo ao qual seus resultados se destinam, aquisição de linguagem e crianças, nos limitaremos, neste trabalho, à aplicação conceitual de interação que, como vimos, decorre das investigações da referida autora para abordar a relevância dos processos interativos na (re)construção da linguagem dos indivíduos afásicos participantes do Grupo de Convivência da UNICAP.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Sendo a “percepção de uma situação problemática que envolve um objeto” o fator central e motivador do processo investigativo (SEVERINO, 2007, p. 102), depreende-se que, da observação problematizada desse mesmo objeto – ou seja, em função das circunstâncias que o geraram, dos processos que o permeiam e das repercussões por ele desencadeadas –, emergem determinados questionamentos que, ao serem tratados de forma sistemática, resultam na formulação de um problema que se mostra merecedor de um olhar mais acurado, de uma reflexão (SAVIANI, 2007).

Relacionando essas ponderações aos elementos motivadores e caracterizadores deste estudo, verificamos que a observação dos processos interativos mantidos entre os indivíduos afásicos do Grupo de Convivência da UNICAP, tanto entre si quanto destes em relação a seus familiares/ acompanhantes e ao grupo de profissionais responsáveis pelo desenvolvimento das atividades do Grupo – indivíduos não afásicos – emerge como um dado concreto a ser investigado cientificamente (SEVERINO, 2007).

Nesse sentido, e tendo em vista o conceito de conhecimento científico apontado por Severino (2007) – que considera esse conhecimento como aquele derivado de estudos científicos, em oposição àquele derivado do senso comum, ou seja, sem a devida investigação científica –, o presente estudo busca investigar em que medida a interação entre os sujeitos intervém no processo de reconstrução da linguagem empreendido, identificando, desse modo, as estratégias que facilitam as produções discursivas que se evidenciam entre os indivíduos afásicos no Grupo (as formas pelas quais esses indivíduos se comunicam entre si e com os demais participantes, notadamente, sobre os resultados alcançados com as atividades promovidas no e pelo Grupo), em função dos limites impostos pelo distúrbio e a partir da (inter)discursividade⁵ destes com os demais participantes do Grupo (equipe profissional) e seus familiares/acompanhantes, apontando as interferências do interlocutor afásico e não afásico na reconstrução da linguagem entre os sujeitos afásicos do Grupo de Convivência da Universidade Católica de Pernambuco.

A realização de um estudo com essas intenções e características exige, nesse momento, um detalhamento do caminho metodológico então traçado para a sua

⁵ Cf. Orlandi, 2007.

concretização, no sentido de tornar suficientemente clara e fiel a concretude dos dados obtidos e das análises realizadas (SAVIANI, 2007).

Com esse escopo, portanto, partiremos agora para a realização de uma caracterização de nossa investigação para, em seguida, detalhar algumas de suas implicações teórico-metodológicas no que se refere à elaboração de suas conclusões e às contribuições científicas delas decorrentes.

Esse detalhamento, no entanto, parte da identificação de nosso problema de pesquisa, aqui compreendido como o desconhecimento de algo que precisa ser sabido (SAVIANI, 1996). No nosso caso, o problema de pesquisa emergente da situação apontada anteriormente se constitui na verificação das implicações reais dos processos interativos na reconstrução da linguagem de sujeitos afásicos em um *locus* empírico específico, qual seja, o Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP (SEVERINO, 2007).

Com outras palavras, queremos dizer que os processos interativos entre os sujeitos afásicos, tanto entre si quanto em relação a seus familiares, foram observados de forma problematizada, no sentido de construir novos conhecimentos acerca da relevância dessas interações no processo de tratamento empreendido pelo Grupo de Convivência. Nesse sentido, realizamos, até o momento, uma discussão acerca da afasia e de suas possibilidades de investigação, que, no âmbito da comunicação/linguagem, tem na interação, elemento importante de reabilitação linguística.

Abordaremos, neste capítulo, o trajeto metodológico percorrido para o desenvolvimento do estudo. O delineamento desse percurso compreenderá, dessa forma, a descrição do estudo a partir da categorização dos conceitos e resultados obtidos mediante caracterização e detalhamento dos procedimentos investigativos que nos permitiram dimensionar a incidência da interação no processo de reconstrução da linguagem dos indivíduos afásicos integrantes do Grupo de Convivência da UNICAP.

2.1 DELIMITAÇÃO DOS FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS NO ESTUDO

As inquietações levantadas no capítulo anterior nos levaram a constatar que os processos interativos decorrentes da convivência entre os sujeitos afásicos incidem de forma determinante na reconstrução da linguagem, uma vez que o discurso “não verbal”

parece não impossibilitar a comunicação dos afásicos entre si e, também, destes com seus familiares. A identificação dessas inquietações nos permite, nesse momento, entabular uma discussão acerca do detalhamento dos procedimentos metodológicos empreendidos no desenvolvimento deste estudo.

Um primeiro aspecto a ser considerado nesse detalhamento metodológico diz respeito à localização de nosso estudo em termos de abordagem metodológica empreendida. Para Severino (2007, p. 99-100), a consideração desses aspectos leva em conta a produção histórica de conhecimentos científicos e a relação existente entre o paradigma positivista/experimental-matemático (abordagem quantitativa) e o paradigma fenomenológico (abordagem qualitativa).

A primeira modalidade, quantitativa, trata da busca pelo conhecimento do mundo físico, tendo como pressuposto central a relação de causa e efeito existente entre os elementos constituintes de seus objetos de investigação (compreensão do homem como mais um elemento natural/*physis* grega). Já a segunda modalidade, a qualitativa, busca o conhecimento da essência dos objetos reais a partir de sua fenomenalidade, ou seja, de sua relação com o contexto histórico, social, cultural etc. que o envolve.

Ainda segundo o autor, os processos de diferenciação das tematizações dessas duas modalidades de investigação científica, notadamente do surgimento da segunda em relação à primeira, decorrem da compreensão de que “quando o homem era considerado um objeto puramente natural, seu conhecimento deixava escapar importantes aspectos relacionados com sua condição específica de sujeito [...]” (SEVERINO, 2007, p.118, grifo nosso). Nesse caso, e relacionando tais observações ao nosso objeto de estudo, a observância das especificidades fenomênicas da atuação do homem como sujeito de sua própria história⁶ fundamentam a localização deste trabalho na modalidade qualitativa de investigação científica.

Justificando a aplicação do termo “abordagem” em detrimento do tradicional “pesquisa” como conjunto de procedimentos metodológicos de abordagem/compreensão de determinado objeto (SAVIANI, 1996 e 2007), Severino (2007) afirma ser a problematização do objeto a forma pela qual sua fenomenalidade é perquirida. É o primeiro e o principal aspecto delimitador daqueles procedimentos que, ao serem empreendidos, responderão de forma mais coerente e adequada às demandas geradoras dos questionamentos iniciais; quais sejam: as implicações dos processos interativos

⁶ SAVIANI, 2007.

existentes/mantidos dos indivíduos afásicos entre si e entre estes e indivíduos não afásicos no Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP.

Diante dessa breve descrição, o presente estudo se dá em função da cotidianidade das atividades desenvolvidas no Grupo pelos indivíduos afásicos que, repercutindo na relação destes entre si e com os indivíduos não afásicos próximos a eles – conforme dito anteriormente: familiares/acompanhantes e profissionais do próprio Grupo –, atuam de forma determinante nos processos interativos daí derivados *in loco* (pesquisa etnográfica). Essa perspectiva de investigação leva em conta também nossa participação na equipe profissional responsável pelo desenvolvimento das atividades do Grupo (pesquisa participante); e os benefícios decorrentes dos resultados obtidos pela análise desses processos interativos para o alcance dos objetivos projetados pelo Grupo⁷, notadamente no que se refere aos benefícios trazidos para o sujeito afásico usuário dos serviços do Grupo (pesquisa-ação).

No que se refere às fontes utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, caracterizamos nosso trabalho, conforme dito acima, como sendo uma pesquisa etnográfica, que tem por característica, “um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento” (SEVERINO, 2007, p. 119).

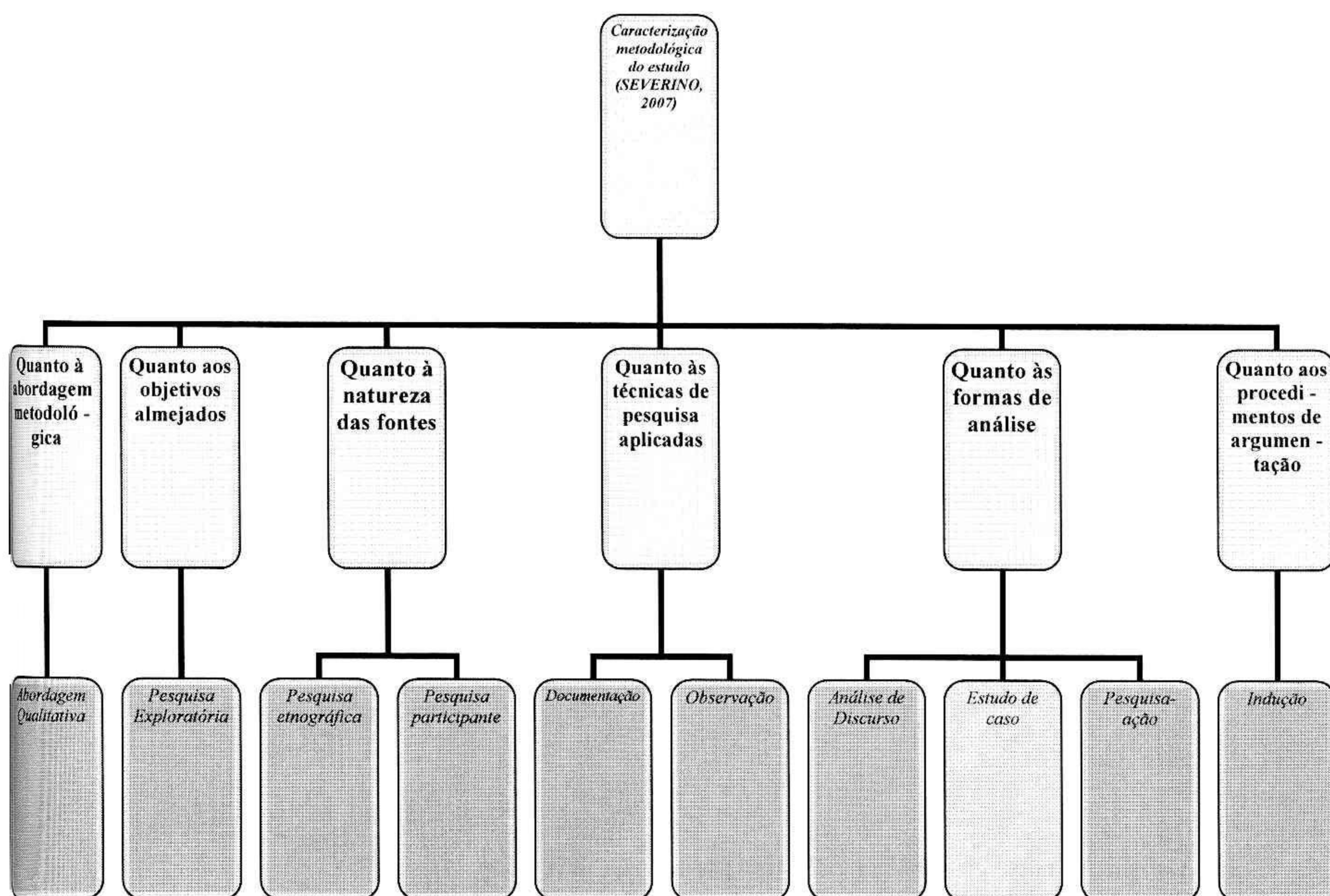
De acordo com esse autor, essa modalidade de investigação busca a compreensão de fenômenos em sua cotidianidade a partir da aplicação de procedimentos adequados a abordagens qualitativas. Nesse sentido, isto é, ainda em função dos objetivos, nosso estudo se caracteriza também como sendo uma pesquisa exploratória⁸, visto que os registros escritos supracitados e também as produções dos usuários/ participantes do Grupo são considerados elementos relevantes ao mapeamento e à identificação dos processos intervenientes e inerentes ao nosso objeto de investigação – qual seja: as repercussões da interação entre indivíduos sujeitos afásicos e não afásicos no Grupo de Convivência da UNICAP. Nesse caso, é importante destacar a relevância do diário de campo como técnica de pesquisa, ou seja, como “procedimentos operacionais [coerentes, compatíveis e que serviram] de mediação prática para a realização das pesquisas” (SEVERINO, 2007, p. 124). A primeira por se tratar da transformação dos dados obtidos em objetos de análise investigativa, mediante sistematização dos mesmos; e o segundo, por delimitar as mesmas possibilidades de

⁷ Ver Capítulo III.

⁸ Caracterizada pelo mapeamento das condições de manifestação do fenômeno estudado (SEVERINO, 2007, p.123).

acessar o nosso objeto de investigação, qual seja, os processos interativos dos participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP (SEVERINO, 2007).

A caracterização de nosso trabalho como estudo científico encontra-se detalhada no Esquema abaixo:



Esquema 2 - Caracterização metodológica do estudo a partir dos procedimentos investigativos empregados

A partir dessas constatações, buscamos descobrir em que medida os processos interativos identificados nos discursos proferidos pelos integrantes do Grupo de Convivência (análise de discurso) interferem nos resultados obtidos, possibilitando o vislumbre de outras possibilidades teórico-metodológicas de intervenção terapêutica com indivíduos afásicos (indução).

O estabelecimento minucioso dos procedimentos metodológicos empregados no trato com os dados frente aos objetivos deste estudo pressupõe a consideração da autonomia dos indivíduos afásicos (sujeitos) na formulação imediata – sem mediação/

interlocução – de discursos próprios à sua realidade (percepções, interpretações, angústias, intencionalidades etc.).

Essas formulações, tendo em vista os objetivos almejados pelo Grupo de Convivência, têm como instância de materialização discursiva os sentidos atribuídos pelos indivíduos sujeitos aos processos interativos instaurados e a partir da convivência promovida pelas atividades do Grupo. Este é o ponto fulcral da análise discursiva por nós empreendida como procedimento metodológico fundada nas condições de produção de discurso, conforme veremos na próxima seção.

2.2. AD COMO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

A teoria de Análise do Discurso é tomada como base metodológica em alguns estudos por ser multidisciplinar e pesquisar o discurso não como papel apenas do sujeito, mas também do outro que é o agente do desenvolvimento desse discurso.

Segundo a AD, o funcionamento da língua não é unicamente linguístico. Ele pressupõe as condições de produção dos discursos como conceitos básicos que o constituem e o caracterizam; sendo, por isso, seu objeto de análise. Nas condições de produção, podemos encontrar as formações do imaginário, relações de forças, relações de sentido e a antecipação:

O que são as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental [...] Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2007, p. 30, grifos nossos).

É de suma importância o estudo desta pesquisa através de uma abordagem discursiva por levar em conta uma concepção de linguagem enquanto prática discursiva e, assim, uma teoria que possibilita analisar as produções discursivas dos sujeitos afásicos.

Para isso, coletamos o *corpus* através de gravações dos discursos, produzido nos encontros entre os sujeitos afásicos e não afásicos do Grupo de Convivência da UNICAP. A partir desse momento, foram realizadas transcrições detalhadas dos encontros. Essas transcrições constituíram um material rico para a análise desse trabalho.

O período da coleta foi entre março de 2009 até março de 2010. Esses meses foram escolhidos por serem o período de construção e coleta de dados da pesquisa. Nessa temporada foram realizados 20 encontros. As transcrições foram escolhidas trimestralmente, sendo o total de quatro transcrições. Cada encontro teve duração de uma hora e meia.

Podemos observar que nas transcrições sempre estão presentes os afásicos A₁, A₂, A₃, A₄ E A₅, na maioria dos encontros. Em alguns encontros não tínhamos a presença dos outros afásicos e quando estavam presentes, as impossibilidades físicas e na linguagem oral e escrita, não permitiam um maior entrosamento mesmo estimulados pelos profissionais voluntários. O afásico intitulado A₁ é o mais antigo do Grupo e, por isso, está presente em todas as transcrições.

O corpo físico do Grupo é composto de 20 componentes, 10 são afásicos (7 homens e 2 mulheres, com idade entre 40 até 80 anos) e 10 são profissionais, sendo: 2 coordenadoras (professoras doutoras do Curso de Mestrado de Ciências da Linguagem), 3 Fonoaudiólogas alunas do Curso de Ciências da Linguagem, 3 terapeutas ocupacionais alunas do curso de Terapia Ocupacional da UNICAP, e 2 estudantes do curso de Letras da UNICAP.

As atividades sempre estimulavam a linguagem oral e escrita, a compreensão e a criatividade. Para a realização das atividades utilizamos: jogos, jornais, revistas, fotos dos próprios afásicos, objetos que podiam ser encontrados em casa, frutas e alimentos (quando fazíamos atividades de culinárias), músicas, papéis em branco, tintas e lápis de cor.

Em relação às atividades planejadas, cada grupo de profissional como o de fonoaudiólogos e o grupo de terapeutas ocupacionais, por exemplo, tem um dia para desenvolver a atividade planejada, ou seja, um dia os fonoaudiólogos assumem a liderança, realizando as atividades concernentes aos trabalhos fonoaudiológicos, em outro encontro as atividades são planejadas pelos terapeutas ocupacionais, e assim por diante, embora todas as atividades tenham como principal objetivo reconstruir a linguagem. As atividades tinham a duração de uma hora e, na maioria das vezes, uma

hora e meia. Os encontros sempre começavam com uma conversa espontânea, já que se trata de um Grupo de Convivência, depois era exposta a atividade planejada.

Nesse contexto, foram realizadas as observações para esta pesquisa desde a chegada do Grupo até a finalização das atividades. As anotações foram registradas em forma de narrativa, registro material a ser denominado diário. Nesse diário foram anotados os acontecimentos de cada momento observado. Os dados constantes encontram-se no banco de dados, assim como todas as atividades realizadas que ficam registradas seja em forma de desenho, texto escrito ou gravações do áudio.

Como a proposta deste estudo sempre foi saber se a interação ajuda nesse processo de reconstrução da linguagem, pensamos de imediato em analisar o discurso desses sujeitos tendo como procedimento metodológico a Análise do Discurso (AD), principalmente porque essa análise leva em conta uma forma qualitativa de mostrar os jogos de sentidos das palavras, os discursos circulares e expressar a riqueza das produções dos sujeitos afásicos.

3. ANÁLISE DOS DADOS: O CAMINHO DA RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS DA UNICAP

Este capítulo destina-se à análise das observações das atividades que foram realizadas no Grupo de Convivência de Afásicos, bem como à análise das produções discursivas, das transcrições dos diálogos produzidos no e pelo Grupo. Pensando nesse capítulo e na riqueza de resultados que foram encontrados, dividimos nossos escritos em dois momentos, para que a visualização dos diálogos ficasse mais clara aos leitores.

O primeiro momento está relacionado ao item 3.1. *A Interação entre os sujeitos afásicos e não afásicos do Grupo de Convivência da UNICAP*; enquanto que o segundo aborda o processo de reconstrução da linguagem dele derivado: 3.2. *A reconstrução da linguagem dos sujeitos afásicos do Grupo de Convivência da UNICAP*.

Nesse sentido, desde já afirmamos que o presente estudo não tem por objetivo investigar os estudos dos sujeitos afásicos, mas, sim, investigar de que maneira existe a reconstrução da linguagem através da interação entre os sujeitos, e posteriormente, observar as estratégias que facilitam as produções discursivas e apontar as interferências do interlocutor afásico e não afásico na reconstrução da linguagem entre sujeitos afásicos.

3.1. A INTERAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA UNICAP

Tendo em vista o *locus* investigativo por nós considerado (Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP), estamos tentando verificar se os sujeitos envolvidos nas produções discursivas identificadas (sujeitos afásicos/ usuários do Grupo e sujeitos não afásicos/ equipe profissional e familiares) mantêm uma relação interativa que se faz determinante para o desenvolvimento da reconstrução da linguagem ora investigado (fato facilmente constatado, por exemplo nos momentos iniciais e finais de cada encontro).

Segundo Pêcheux (1983), um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada, determinando os sujeitos como produtores do seu discurso.

Esta seção tem por objetivo discutir de que forma essa interação se manifestou no desenvolvimento do Grupo e, assim, em que medida incidiu nos processos atinentes à reconstrução da linguagem dos sujeitos afásicos.

Antes de começar a análise propriamente dita, serão descritas algumas ações desenvolvidas e o dia a dia do Grupo de Convivência dos afásicos e não afásicos da UNICAP. Nesse Grupo, o trabalho é realizado com a presença dos afásicos, em sua grande maioria, e pelos voluntários, que não são afásicos.

Os afásicos geralmente são trazidos pelos familiares, amigos mais próximos e/ou cuidadores. Enquanto eles vão chegando, os não afásicos profissionais/voluntários, entre eles fonoaudiólogos, psicólogos, professores, terapeutas ocupacionais, já estão preparando o ambiente com as atividades planejadas para serem desenvolvidas naquele dia.

Observamos que nem todos os sujeitos afásicos têm o mesmo grau de dificuldade, ou seja, sob a ótica organicista, o grau da lesão e a localização da afasia fazem com que a doença tenha vários níveis de devastação.

Em Cambier e Dehen (1988), observamos uma classificação da localização da lesão, causas e sintomas mais frequentes. Na fundamentação teórica fica claro que o olhar médico deixou traços que não podem ser descartados e que fazem parte da história da afasiologia.

Em Cambier e Dehen (1988), podemos observar a exposição de termos relacionados à desorganização das funções cerebrais, extensão da lesão nas áreas de Broca e Wernicke e outros termos que são peculiares ao discurso médico. Esse discurso segue, nas produções discursivas de muitos sujeitos afásicos, familiares e até dos próprios profissionais, na hora em que os sujeitos afásicos conversam sobre a sua doença. “O quadro clínico de uma afasia depende do local e da extensão da lesão, como também da constelação das lesões associadas que condicionam a dinâmica da nova organização da linguagem” (CAMBIER e DEHEN, 1988, p. 131).

Em diversos momentos dos encontros as produções discursivas caminhavam para esse tipo de discurso, ficando claro no discurso dos sujeitos afásicos e dos seus familiares a visão organicista da sua doença que era mais reforçada a uma nova consulta com o seu médico.

Assumindo a perspectiva linguístico-discursiva, foco deste trabalho, observa-se que, especialmente aí, existem grandes diferenças entre os sujeitos. A linguagem é mais

ou menos fluida e os sujeitos caminham no eixo metafórico ou metonímico, de acordo com os fundamentos de Jakobson (2010).

No Grupo de Convivência, alguns sujeitos afásicos têm dificuldades de compreensão na linguagem oral e escrita. Outros têm mais dificuldade na linguagem oral e não têm na compreensão e na escrita; alguns não têm dificuldade na compreensão, mas têm na linguagem oral e/ ou escrita. A colocação dessas dificuldades é de grande relevância para a análise.

Para qualquer profissional que tenha como objeto de pesquisa a afasia, é importante saber do histórico clínico do paciente, para que se possa pensar em direcionar o seu caminho, com o objetivo de superar as limitações físicas e as limitações na linguagem oral ou escrita dos afásicos, mesmo tendo como diretrizes nos seus estudos a perspectiva linguístico-discursiva. Com base nesse ponto de vista, podemos pensar que a perspectiva organicista tem sua relevância nas pesquisas direcionadas para a afasia. É através dela que podemos saber a dimensão da lesão e a sua localidade, associando essa lesão aos sintomas e dificuldades que vamos encontrar em um afásico.

Essa colocação nos remete à questão de pensarmos no saber orgânico como um saber necessário para que se tenha a noção de quais dificuldades encontrar e como iremos conduzir o trabalho que é direcionado para o afásico. Na época dos estudiosos como Broca e Wernicke, as dificuldades linguísticas não eram conhecimentos adquiridos.

Na citação abaixo, Fonseca (2004, p. 262) aborda exatamente esse ponto onde a discussão se faz presente: “É compreensível na justa medida que na época de Broca (1861) e Wernicke (1874), não se dispunham de recursos para avaliar os sintomas linguísticos (FONSECA, 2004, p. 262)”.

Segundo Cambier e Dehen (1988), o quadro clínico em conjunto com a idade, a lesão, localização da lesão, os sintomas e sinais mais fluentes, remete a se ter um diagnóstico mais preciso e um prognóstico mais confiável. Essa é uma noção do ponto de vista médico, o que condiz com os primeiros conhecimentos adquiridos quando conhecemos essa doença tão cruel.

Por isso, entendemos que o conhecimento das dificuldades de cada afásico é de suma importância, seja para o ambiente clínico ou para o ambiente de um grupo de convivência, como é o caso de nossa pesquisa, para que os profissionais, cuidadores e familiares possam usar estratégias que sejam mediadoras na interação e no processo de reconstrução da linguagem.

Podemos afirmar que, desde a sua chegada, os sujeitos afásicos já mantêm uma interação, eles se cumprimentam e se preocupam quando algum sujeito falta por um determinado período. Ficam tristes quando sabem que algum deles está doente, ou ainda, quando algum sujeito não afásico fica ausente por algum tempo, ou fica doente.

Já entre os sujeitos afásicos e não afásicos, a interação se fazia presente muito mais no desenvolvimento das atividades do que nas conversas espontâneas que aconteciam antes das atividades. Não pelo fato de negligência ou negação dos sujeitos não afásicos, mas sim pelas limitações dos sujeitos afásicos, o que impossibilitava um maior entendimento do que queria ser dito. Esse fato prejudicava bastante a interação entre os afásicos e não afásicos.

Pensamos na interação com o sentido de acolhimento, direcionamento, intencionalidade do outro em querer expor o que deseja para poder interagir. Segundo De Lemos (1998), a intervenção de um outro é mediador para o desenvolvimento ou reconstrução de uma linguagem. É esse sentido de ter sempre a presença do outro para causar, uma inter-ação e uma reação que a autora nos mostra o quanto se faz importante o outro como uma das figuras protagonistas para mediar a interação e todo o processo de desenvolvimento e reconstrução da linguagem.

Ainda refletindo sobre as colocações de De Lemos (1998), podemos ver claramente que os afásicos e não afásicos interagem no Grupo de convivência com a intenção de estar bem com o outro e de trazer aquele outro para esse convívio.

Esse sentimento de bem-estar e convivência sempre era observado nos momentos das atividades onde um sujeito não afásico estava entre dois sujeitos afásicos ou dois afásicos sem a presença mais próxima dos não afásicos. A interação acontecia, algumas vezes sob a mediação do não afásico na interação entre os dois sujeitos afásicos que ele ajudava. Esse momento se tornava muito cheio de expectativas e alegria para os dois grupos por perceberem que a interação estava proporcionando ao sujeito afásico o sentimento de ser capaz de realizar a atividade e superar as suas limitações.

Nesse momento, o discurso flui de uma maneira bastante positiva, esses momentos superavam as nossas expectativas, e o objetivo que sempre foi a estimulação da linguagem, acontecia de uma forma sem intenção do afásico e mais pela estimulação que o discurso do outro, seja ele afásico ou não afásico.

Segundo Pêcheux (1983) o discurso de um outro é colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro.

Para os sujeitos não afásicos (profissionais), fica o sentimento de poder ajudar aquele afásico a superar suas limitações e proporcionar-lhe, em alguns momentos, a possibilidade de esquecer o discurso de não poder fazer nada, de não poder falar nada e de que nunca mais vai conseguir fazer determinada coisa.

Recorte discursivo nº 1 – Percebemos que preocupação, acolhimento, motivação e o carinho são palavras de ordem nesse Grupo, reações constantes entre eles

A₃ – Menino, menino. (afásica com dificuldades na fala e nos movimentos – ela acaba de chegar e se admira com a música de fundo).

A₅ – Voltou de novo, foi? Tá fazendo alguma coisa diferente? Tás é gordo, visse.

Menino, enorme, visse. Tá enorme!

A₅ – Tá mais forte, ele também, também, também.

A₃ – Como você tá?

A₅ – A mesma coisa.

A₃ – Não veio mais...

A₅ – É tempo.

A₃ – Como quer melhorar? Vem duas vezes e passa dois anos sem vir.

A₅ – Não, mas eu vou, andar, normal.

A₃ – Aí não melhora.

A₅ – Não consigo fazer nada, é que eu não consigo fazer nada.

A₃ – Aí não... tem que ter tempo pra isso. Tem que ter tempo pra doença entrar, agora tem que ter tempo pra ela sair. Agora se não continuar a fazer os tratamentos, aí ela não sai.

O recorte discursivo 2 mostra com bastante clareza o que estava sendo explanado sobre a falta de interação em alguns momentos dos afásicos com os não afásicos, principalmente em conversas espontâneas. A interação em muitos momentos é possível, embora em outros não aconteça. Em muitas atividades, os sujeitos não afásicos não conseguiam entender o que os afásicos queriam dizer.

Recorte discursivo nº 2 – O entendimento pelo sujeito não afásico pelo que o afásico está dizendo dificulta, em alguns momentos, a interação.

F₁ – Ela era modelo, agora é esposa de Sarcozi (eles estavam falando sobre um cd que tocava a música de fundo, de Carla Bruni).

F₂ – Gosto A₁ da música.

A₁ – Faz gestos dizendo que gostou (afásico que se expressa através de gestos).

F₁ – Ela era compositora.

F₂ – Gostou A₂ do mapa (mapa colocado na parede da sala no mesmo dia)?

A₂ – É (afásico com dificuldade na fala e nos movimentos).

F₂ – Pernambuco, isso (A₂ aponta para o mapa). E aí A₃, como foi a semana?

A₃ – Foi boa.

F₂ – Foi boa?

A₃ – Muito boa.

Ao chegar, eles se sentam em uma grande mesa onde sujeitos não afásicos e sujeitos afásicos conversam, tiram brincadeiras uns com os outros enquanto aguardam a chegada de todos, para começar as atividades.

A produção discursiva neste momento é realizada sem responsabilidade, e diante disso, podemos notar que eles não percebem que estão se fazendo entender pelo seu próprio discurso, que em diversos momentos é coerente. Esquecem um pouco o discurso de “não sei falar, eu não disse nada”. É nesse momento que podemos pensar em um sujeito do inconsciente que não tem domínio da sua língua e um sujeito assujeitado pela sua própria língua.

Neste ponto, o sujeito do inconsciente, que não é o foco de nossa pesquisa, mas que não poderia deixar de ser citado neste momento de riquezas de fatos. É uma reflexão concreta da psicanálise, que foi fundada por Freud, ainda que o mesmo não se servisse da linguagem. Foi só com Lacan que as questões do inconsciente na linguagem foram discutidas. Frej e Melo (2006) relatam com bastante clareza, na citação abaixo, a interpretação do parágrafo acima:

Podemos dizer que a Psicanálise, enquanto uma fundação freudiana, não se serve da linguagem. O que ela indica é a existência de um lugar, ao qual Freud deu o nome de inconsciente, que se institui pelo fato de ser regido por uma ordem que é semelhante à ordem da linguagem. Estamos então nos aproximando de uma escrita que aponta as marcas da teoria Lacaniana. Ao longo dos seus seminários Lacan insiste que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (FREJ e MELO, 2006, p. 231).

A relação de camaradagem, afinidade, preocupação e entendimento que eles mantêm entre si chega a ser impressionante e invejável. Eles se motivam e mostram aos outros as suas conquistas em relação à doença, para que sirvam de exemplo para aquele afásico que está desmotivado.

O discurso organicista estará sempre presente nos encontros, porque eles sentem essa necessidade de mostrar a sua doença, a lesão e o que esta lesão causou. A relação de doença com a melhora também tem uma força propulsora nos sujeitos afásicos, seja para estimular positivamente ou para mostrar que o desenvolvimento é lento e árduo.

Em autores organicistas como Goodglass e Kaplan (1979), observamos que existe preocupação com a lesão, a localização traz a confirmação de um corpo doente, lesionado. A evolução da melhora é uma assunto que fica em segundo plano.

Porém, ao mesmo tempo, nesse contexto de lesão, doença e melhora, os sujeitos afásicos conseguem exercitar os sentimentos de motivação e de colocar o outro para ver a sua própria melhora, o seu desenvolvimento.

Recorte discursivo nº 3 – expressa o sentimento de motivação entre os sujeitos afásicos, uma das ferramentas que eles desenvolvem para interagir

A₃ – Tem que pensar positivo. É verdade que melhora. Que não vai tomar isso, que não vai mais falar, que não vai se comunicar com o povo. Se comunica, rapaz, agora se ficar pensando que não vai.

A₅ – Eu tenho um dia a vontade, mas fazer o que? Não sei de nada, nem ninguém.

A₃ – O dia quando adoeci fiquei assim.

A₅ – Não sei falar nem nada, nada. Nem com ninguém. Não falo nada, nada, nada.

A interação entre os sujeitos afásicos é muito importante porque além de compartilharem momentos de motivação, eles também compartilham os momentos de angústia e de frustrações por não terem conseguido se fazer entender. Como pode ser observado nos recortes discursivos nº 3 e 4.

Recorte discursivo nº 4 – expressa a importância da interação para eles compartilharem, além dos momentos de satisfação as preocupações

A₅ – É mesmo, é mesmo.

A₃ – Se for pensar, pensar, só nos serviços de casa e não for se cuidar, vai ficar o tempo todo assim sem falar.

A₅ – Tava falando nada.

A₃ – A senhora não fala.

A₅ – O pessoal fica falando lá, e fico lá não digo nada (em casa).

A₃ – A senhora não tem ninguém pra conversar.

A₅ – Falo com ninguém.

A₃ – E apoi. Aqui a senhora tem gente pra conversar, tem uma pessoa pra fazer gestos pra senhora, aí a senhora falar. Agora, sem, sem vir aí não fala, não, aí fica sempre (fez gesto de pessoa triste e calada).

A₅ – É pior, é.

A₃ – E não fala, não é? A pessoa tem que ter gosto de vontade de se cuidar de si mesmo.

Em nossas observações, fica bem claro que, entre os sujeitos afásicos, existe todo entendimento do que quer ser dito, o que, às vezes, não existe entre os sujeitos não afásicos e os sujeitos afásicos.

A angústia, presente na face dos não afásicos por não conseguir entender o que os afásicos querem dizer, fica evidente, em alguns momentos, deixando transparecer a sensação de que aquele sujeito afásico não é capaz de realizar aquela atividade ou de

não se fazer entender. Podemos observar essa falta de compreensão do discurso do afásico no recorte discursivo nº 5.

Recorte discursivo nº 5 – Expressa a dificuldade de um dialogo pelos sujeitos não afásicos

F₁ – Eu sou muito ruim de música. Quem foi que escolheu Petrócio Amorim?

A₁ – É não, é?

A₂ – Aqui!

F₂ – Eita gosta desse é? É muito bom esse perfume. É muito bom. Melhor ainda é o preço dele.

A₂ – Calma, calma

F₂ – Veja o preço aí, pra não se assustar depois.

A₃ – Tranquilo.

F_{1, 2, 3} – Tudo bom.

A₃ – Você rapaz. Você disse que e não foi.

A₁ – Eu não pude, não.

A₃ – Esperei.

A₁ – Trabalho.

P₃ – Eu muito tempo. As duas (dando presente).

Como já discutimos, no parágrafo anterior, existem várias dificuldades relacionadas aos distúrbios de linguagem e às dificuldades físicas que são adquiridas pelo grau da lesão e sua localização, caracterizam as causas dessa doença, fazendo com que alguns dos sujeitos afásicos tenham mais privações e limitações, seja no aspecto físico ou no aspecto da linguagem, do que os outros sujeitos afásicos, dificultando a interação dos sujeitos afásicos com outros sujeitos afásicos e também a interação entre os sujeitos afásicos com os não afásicos.

Em função disso, pensou-se que a interação não seria possível, mas basta observar o Grupo para perceber que os próprios sujeitos afásicos e não afásicos usam estratégias para interagir. Essas estratégias serão denominadas aqui de processos discursivos e podem ser encontrados sob diferentes formas:

- 1- Usam a linguagem escrita quando não conseguem expressar a linguagem oral;
- 2- Usam o desenho quando os sujeitos afásicos não conseguem entender a linguagem oral e escrita;
- 3- Quando há três sujeitos afásicos conversando e um deles tem menos limitações, este será o mediador para que aconteça a interação;
- 4- Usam da música, com situação aos outros sujeitos afásicos, para que os acompanhem;
- 5- Nas atividades, o sujeito afásico sempre encontra uma maneira de ajudar o outro sujeito afásico, seja passando o material da atividade, explicando a atividade para aquele que não entendeu e até ajudando a realizar a sua atividade.

Fica claro que a interação entre os sujeitos afásicos, mesmo com todas as limitações e dificuldades ocasionadas pela doença, não é suficiente para que os sujeitos afásicos encontrem maneiras para estar sempre interagindo com outros sujeitos afásicos.

Os processos discursivos encontrados pelos sujeitos afásicos são sempre ações que eles podem desenvolver, tais como: a linguagem oral, linguagem escrita, realização de desenhos, ajuda em atividades.

Segundo Orlandi, (2007), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. E é nessa tentativa de como se fazer entender que os afásicos procuram estratégias como a produção escrita, produção oral, desenhos.

Observamos que esse momento é de grande relevância, pois além de trabalhar a interação e de atingir o objetivo desejado, ele se sente muito mais capaz e motivado a continuar fazendo parte do Grupo de Convivência e a superar as limitações impostas pela doença.

3.2. RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DOS SUJEITOS AFÁSICOS DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA UNICAP

A presente análise discursiva se debruçará sobre os recortes discursivos dos sujeitos afásicos e não afásicos do Grupo de Convivência, nos quais observamos as condições de produção desse discurso e a reconstrução da linguagem dos sujeitos afásicos. O objetivo do Grupo de Convivência de Afásicos é estimular a reconstrução da

linguagem dos afásicos de uma maneira que seja prazerosa tanto para os afásicos como para os não afásicos (profissionais).

O que foi observado durante os encontros é que a interação está muito presente e sem ela não teríamos a produção discursiva. Essa constatação nos sugere a Análise do Discurso como a perspectiva mais adequada à investigação, na medida em que seu processo analítico promove uma possibilidade de averiguação decorrente da materialidade e do funcionamento desses discursos dentro do contexto ao qual se referem.

Para Orlandi (2007), a Análise do Discurso envolve a interpretação dos efeitos de sentido da memória discursiva (interdiscurso) sobre novos discursos (intradiscurso) através da observação das condições de produção (sujeito e situação) desses discursos.

Para Foucault (2007, p. 8-9):

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função *conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade* (grifo nosso).

Com isso, queremos dizer que, no tocante a este estudo, os procedimentos de Análise do Discurso empreendidos na compreensão da relação interdiscursividade-intradiscursividade objetivam a identificação das contribuições dos processos interativos para a reconstrução da linguagem dos sujeitos afásicos que se encontram em convivência com sujeitos não afásicos nos encontros do Grupo.

Nesse sentido, recorreremos mais uma vez a Foucault (2007, p. 49) para ratificar nosso posicionamento:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, *isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si* (grifos nossos).

Ainda sobre isso, Caregnato e Mutti (2006, p. 680) afirmam que:

O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentido para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança) (grifos nossos).

Para Orlandi (2007), essa operacionalidade da Análise do Discurso no que se refere a estudos de natureza qualitativa, se encontra no tipo de interpretação emergente das fontes potenciais de sentido então aplicados ao objeto de investigação. Em uma abordagem qualitativa de investigação como a aqui empreendida, a interpretação dos sentidos dos discursos possibilita uma reflexão mais profunda sobre as condições em que esses discursos foram produzidos e a que contextos/circunstâncias se referem. Trata-se, portanto, de uma releitura do discurso proferido.

Desse modo, a releitura do discurso do sujeito afásico neste momento servirá para analisar o discurso do mesmo no processo de reconstrução dessa linguagem, tendo, visto que o objetivo do Grupo é fazer de uma forma prazerosa a reconstrução de uma linguagem, para que esses sujeitos possam ser reinseridos na sociedade, mesmo com suas limitações.

No recorte discursivo abaixo podemos observar a movimentação de sentido entre o grupo dos afásicos e dos não afásicos e como a linguagem flui. Neste momento eles esquecem daquele discurso circular que só enfatiza a questão de não pode, “não posso falar, não posso pegar...”. É como se por alguns momentos eles esquecessem que suas limitações estão presentes e a linguagem se exalta.

Segundo Milner (1989), essa relação de ser possível e do impossível na língua, coloca o uso da língua por este sujeito afásico de uma forma julgada impossível, mas que é materializada no possível, mesmo ele não tendo consciência.

Para nós fica claro que essa relação de sentido entre os discursos só releva um aspecto positivo desse trabalho de reconstrução da linguagem. A presença do discurso do outro no discurso do afásico, só ajuda no desenvolvimento da linguagem e na autoestima do afásico. Em alguns momentos o afásico não tem consciência que a sua linguagem está acontecendo de forma clara e de fácil entendimento.

Pêcheux (2002) afirma que o discurso é o índice potencial de uma agitação sócio-histórica de identificação. É um trabalho mais o menos consciente determinado e atravessado pelas determinações do inconsciente.

Recorte discursivo nº 6 – Retirado da transcrição dos diálogos do Grupo de Sujeitos Afásicos e não afásicos da UNICAP

F₅ – Ensaaiaram as músicas em casa?

A₃ – Sim, sim.

F₅ – Qual a primeira música que vamos cantar?

A₂ – “Tareco e mariola”.

F₅ – E aí minha gente? A gente canta todo mundo junto?

A₂ – Todo mundo junto.

(Todos cantam, “Tareco e mariola”, “Como uma onda” e “Garota de Ipanema”, com instrumentos feitos no grupo).

F₄ – Agora que a gente já escutou as músicas, nós vamos escrever as palavras que mais nos chamaram a atenção nas músicas, certo? O que chamou atenção nessa música para você?

A₃ – Procurar é? Procurar é?

A₂ – É.

F₂ – É para escolher uma palavra da música.

F₄ – Seu A4 tem dificuldade na escrita? Então pode dizer pra gente. Quer que eu escreva tareco e mariola?

Neste recorte discursivo nº 7, podemos observar a relação que a doença tem entre os afásicos. Eles sempre querem saber como aconteceu e como é a doença do outro, quais as suas limitações, se ele continua trabalhando etc. Uma pergunta que é feita por todos é se ele está sendo aceito na família e na sociedade. Outras questões seriam: O que ele está fazendo para melhorar e se o outro está melhorando.

Quando um sujeito afásico chega ao grupo ele também tem a expectativa de que o grupo vai fazê-lo voltar a desempenhar as atividades que tinha antes. E que vai sair dali escrevendo e falando tudo, como eles dizem.

O que podemos observar nos recortes discursivos é que a curiosidade em relação à doença, principalmente a do outro, é um fato normal entre os sujeitos afásicos. Esse discurso muitas vezes chegava a movimentar a atividade em outro sentido.

O discurso atravessa os efeitos, compreende os efeitos de ilusão, principalmente quando eles se dão conta que existem outros sujeitos afásicos que passaram pelo que eles estão passando, mas que já conseguem retomar sua vida, para que a doença fique mais fácil de ser aceita. A doença que está presente, mas que pode sair e será que ela não vai querer sair. Ela vai morar comigo sempre.

Nesses discursos podemos observar que o sentido da palavra doença consegue fazer com que esse discurso produza efeitos metafóricos. Também fica claro que a relação doença e avanço no prognóstico estão andando juntas como uma forma que o grupo vai ser a sua melhora, que é no grupo que ele vai ficar bom, como eles dizem.

Refletindo os achados no parágrafo acima, pensamos que a Análise do Discurso nos faz compreender a relação de sentido do discurso, o sentido imaginário e a compreensão que os mecanismos ilusórios remetem no discurso, principalmente no do afásico. Essa esperança de voltar à vida normal, sem as limitações que agora possuem, por causa da doença está presente em muitos momentos.

A análise do discurso atravessa os efeitos, compreende os mecanismos de ilusão e pensa cada discurso como um deslocamento na rede de filiações de sentido (PÉCHEUX, 1992, apud ORLANDI, 1994, p. 59).

O que também fica claro nas observações e nas análises realizadas é que a doença e a melhora mantêm uma relação muito forte e que fazem parte do discurso de todos os sujeitos afásicos, sendo este discurso uma extensão do discurso da família, que cria uma expectativa, seja para a questão positiva ou negativa para com o sujeito afásico.

Recorte discursivo nº 7 – O recorte retrata a relação da doença e a motivação para melhorar. Em alguns afásicos essa relação de doença e melhora pode ser tratada de uma forma positiva ou negativa

TODOS FALAM PARA A FILHA DA SRa. M E SOBRE O SR. M

A₁ – O dele está bem novo.

F₁ – Foi no carnaval.

F₁ – Foi em fevereiro, foi no carnaval.

F₁ – Conte para ela.

F₁ – Dona M.

F_A – Dói, Dói.

A₁ – Dói muito.

A₁ – Aqui, aqui ficava queimando no começo.

A₁ – As pernas incham ficam pesadas parece que tem 500 kg.

A₁ – Eu quando tive não andava nada, também não. Eu passei um tempo de cadeira de rodas. Eu passei um bom tempo de cadeira de rodas.

A₁ – Andar e ficar em pé, eu não podia cair, não deixem ele levar. Fiz fisioterapia.

A₁ – O médico dizia que ele leva queda. Cuidado para ele não cair de cabeça, não quebrar a perna. Poderia quebrar o fêmur, a perna.

A₁ – O meu problema não foi na cabeça.

A₂ – Seu M. fala.

A₁ – Seis meia dúzia (O Sr. J. ajuda o Sr. M.).

F₁ – Fica com medo de falar, não é seu M.

A₁ – Ele precisa ir atrás do fono.

F₁ – É ele não está fazendo fono.

A₁ – Ele fazendo a tendência é falar logo. Eu fiz fono.

Uma outra questão analisada é o discurso circular que também é uma constância no discurso dos sujeitos afásicos, que é a impossibilidade de poder falar, escrever e compreender, materializada no discurso de não poder fazer nada. “Eu não consigo fazer”, “eu não fiz nada”, “eu não vou mais conseguir falar”.

O recorte discursivo abaixo expõe o que foi dito no parágrafo acima. Vejam a negação e o sentido de não poder que se apresenta em quase todas as frases.

Recorte discursivo nº 8 – Este recorte discursivo retrata o sentimento de negação e o de não poder estar presente em todas as falas do discurso, por não conseguir

A₅ – Não, mas eu vou, andar, normal.

A₃ – Aí não melhora.

A₅ – Não consigo fazer nada, é que eu não consigo fazer nada.

A₃ – Aí não... tem que ter tempo pra isso. Tem que ter tempo pra doença entrar, agora tem que ter tempo pra ela sair. Agora se não continuar a fazer os tratamentos, aí ela não sai.

A₅ – É mesmo, é mesmo.

A₃ – Se for pensar, pensar, só nos serviços de casa e não for se cuidar, vai ficar o tempo todo assim sem falar.

A₅ – Tava falando nada.

A₃ – A senhora não fala.

A₅ – O pessoal fica falando lá, e fico lá não digo nada (em casa)

A₃– A senhora não tem ninguém pra conversar.

A₅– Falo com ninguém.

A₃ – E apoi. Aqui a senhora tem gente pra conversar, tem uma pessoa pra fazer gestos pra senhora, aí a senhora falar. Agora, sem, sem vir aí não fala, não, aí fica sempre (fez gesto de pessoa triste e calada).

A₅ – É pior, é.

A₃ – E não fala, não é. A pessoa tem que ter gosto de vontade de se cuidar de si mesmo.

A₂ – Não, não.

F₁ – Não tem que ter gosto, não.

A₂ – Faz que não com a cabeça.

F₁– Não.

A₃ – E então com o pensamento negativo que não vai falar, que não fala mais.

A₅ – E não tá falando, não. Ele não tá falando não. Tá falando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos, neste momento do trabalho, não só considerar, mas também esclarecer as dificuldades e outras reflexões e questionamentos que podem ser usados para futuras pesquisas com o Grupo de Convivência, com o objetivo de melhorar a dinâmica das atividades e a harmonia entre o grupo. Favorecendo, ainda mais, a interação e a reconstrução da linguagem dos sujeitos afásicos e o aprendizado profissional e pessoal dos sujeitos não afásicos.

Começamos falando um pouco das dificuldades encontradas desde a coleta de dados até o momento da análise propriamente dita. Os primeiros dias de observação foram de total importância porque foi nesse período que as reflexões foram nascendo e as angústias e esclarecimentos de certos fatos que aconteciam no Grupo foram se configurando. Resumindo: foi assim que o interesse pela interação entre afásicos e não afásicos na reconstrução da linguagem foi se construindo e se consolidando.

A dificuldade que podemos citar foi a frequência dos sujeitos afásicos que não era assídua em muitos dos encontros, dificultando o seu acompanhamento e o processo de reconstrução da linguagem. Outra dificuldade encontrada foi a diferença de nível de escolaridade e as dificuldades em relação à linguagem e ao físico, ocasionadas pela afasia, e que limitavam as atividades e faziam com que alguns afásicos desempenhassem melhor as atividades oferecidas do que outros afásicos que não conseguiam nem começar.

O trabalho de pesquisa foi muito satisfatório, e com o grupo aprendemos que os obstáculos estão colocados em nossa vida para serem ultrapassados. Aprendemos também que a presença do outro é importante para a interação, assim como é este outro que é o mediador dessa relação. A interação entre os sujeitos afásicos se faz sempre presente pela relação de proximidade que a doença causa, é o espelhamento que está presente, sempre. E é também no outro que vemos essa relação de melhoria, a doença que saiu.

Já a interação dos sujeitos afásicos com os sujeitos não afásicos retoma uma questão que poderia ser estudada futuramente, que seria a relação de poder que existe entre o afásico e não afásico. Será que essa interação entre o sujeito afásico e não afásico seria melhor se essa relação de poder fosse trabalhada? Essa relação de poder não deixa transparecer pelo não afásico, mas que em alguns momentos como o próprio

afásico diz: eu vim aqui para aprender e começar a falar e em muitas das ocasiões eles esquecem que esse Grupo é de convivência e não de terapia.

Outro questionamento seria estudar a relação da família do afásico com ele. Como se dá essa relação? Qual o discurso encontrado nessa relação de sofrimento, de negação?

Outro aspecto importante, e que dificulta a interação dos afásicos e não afásicos, é a mudança dos sujeitos não afásicos. Sabemos que o grupo é um espaço experimental, onde pesquisas estão sendo realizadas, mas a saída e entrada de pessoas acaba quebrando a harmonia e a sensação de estar à vontade dos sujeitos afásicos.

Podemos até estar enganados, mas em determinados momentos, os sujeitos não afásicos ficavam com receio de mostrar suas limitações para os outros sujeitos não afásicos que tinham acabado de entrar no Grupo.

O que favorece os processos discursivos, além da interação, são as estratégias, usadas tanto pelos sujeitos afásicos como pelos sujeitos não afásicos, que permitem que a interação seja satisfatória. E que estratégias está mais presente na relação de sujeitos afásicos com sujeitos afásicos, do que sujeitos afásicos e sujeitos não afásicos.

Em relação às condições de produção do discurso, presentes em todos os recortes discursivos, trazem sempre o discurso do outro, seja dos sujeitos não afásicos, seja de um cuidar ou o discurso familiar. Esses discursos poderiam ter conotações de positividade e crescimento, como de negação e desvalorização da pessoa humana, como era observado em alguns discursos dos sujeitos afásicos, que acabavam nos revelando que determinado familiar comentou isso.

Em relação a esses discursos, o sentido de negação, sofrimento, medo, melancolia, angústia e ansiedade se faz presente nos discursos de todos os sujeitos afásicos, mesmo daqueles que já conseguem falar e escrever com mais facilidade e clareza linguística. Esses conceitos estão expressos em efeitos metafóricos muito mais no discurso do afásico e se mostram como um discurso circular, onde os movimentos dos sentidos das palavras são internalizados em todos os sujeitos afásicos.

O discurso do outro tem poder de agir no discurso do sujeito afásico de uma forma positiva ou negativa. Percebemos também que o funcionamento da reconstrução dessa linguagem é inerente ao sujeito afásico. Acreditamos que essa linguagem flui, não é usada. Fica difícil para os sujeitos afásicos trazerem para a linguagem algo que está preso no inconsciente.

Assim, compreendemos o quanto é importante a interação entre os sujeitos afásicos com os próprios sujeitos afásicos e com os sujeitos afásicos e não afásicos. Essa dinâmica do Grupo de Convivência de sujeitos afásicos e sujeitos não afásicos ajuda todo o processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, M. D. O fenômeno afasia segundo etnomodelos da antropologia da saúde. In: *A linguagem e suas interfaces*. ACIOLI, Moab; MELO, Maria de Fátima Vilar; COSTA, Maria Lúcia Gurgel. Recife: Dos Organizadores, 2006, p. 43-81.
- BRANDÃO, H. H. N. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, H. C. C; ATIK, M.L.G. (Orgs.). *Língua, literatura e cultura em diálogo*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.
- CAMBIER, J; DEHEN, H; MASSON, M. *Manual de neurologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.
- COUNDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia - análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CAREGNATO, R.C; MUTTI, R. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Texto contexto enferm, Florianópolis, 2006 out-Dez; 15(4): 679-84.
- FERNANDES, C.A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FREJ, N.Z.; MELLO, M.F.V. Psicanálise e linguagem intercedendo um texto. In: *A linguagem e suas interfaces*. Recife: Calabo, 2006, p. 221-231.
- FONSECA, S.C. DA. *Afasia: a fala em sofrimento*. São Paulo: PUC, 1995. 147 f.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- FONSECA, SUZANA CARIELO. O estatuto da entrevista no processo diagnóstico da afasia. In: *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. LIER-DEVITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 331-340.
- FONSECA, SUZANA CARIELO DA; VORCARO, ANGELA. O atendimento fonoaudiológico e psicanalítico de um sujeito afásico. In: *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. LIER-DEVITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 413-441.
- GREGOLIM, M.R.V; BARONAS, R. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Paulo: Claraluz, 2003.
- GOLDGRUB, FRANKLIN W. *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem e constituição do sujeito*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001. 317p.
- GOODGLASS, H; KAPLAN, E. *Evaluación de la afasia y de trastornos similares*. Buenos Aires: Panamericana, 1979.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e comunicação*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 34-62.

LANDI, R. Quando o sintoma é de escuta: considerações sobre o diagnóstico de afásicos na clínica de linguagem. In: *Aquisição, patologias e clínica de linguagem* (Orgs.). LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 341-348.

LEMO, C.T.G. Sobre o interacionismo. In: Mesa redonda, ANPOIL, *Letras de Hoje*, Unicamp: São Paulo. 1998.

_____. *Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação*. DL-IEL- Unicamp: São Paulo. Texto apresentado no Congresso Internacional sobre Desenvolvimento Humano: Abordagens Histórico-culturais, organizado pela Universidade de São Paulo, 1999.

LIER DE VITTO, M.F. De como se tece uma clínica ou o afásico na clínica de linguagem. In: *Distúrbios da comunicação*. São Paulo, 16(2): 261-266, agosto, 2004.

MANSUR, L.L.; MACHADO, T.H. Afasia: visão multidimensional da atuação do fonoaudiólogo. In FERREIRA, L.P.; BEFI-LOPES, D.M.; LIMONGI, S.C.O. *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 2004, p. 920-932.

MERLEAU-POTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILNER, J.C. *L'amour de la langue*. Paris: Senil, 1978.

MILNER, J.C. *Introduction à une science du langage*. Paris; Ed du Senil, 1989.

ORLANDI, ENI P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Em Aberto, Brasília, Ano 14, n. 61, jan/março, 1994.

PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-E. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Paulo: Clara luz, 2006.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Orlandi. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. **VII A análise de discurso: três épocas**, 1983.

_____. *Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso*. Instituto de Letras. 2. ed. 1998.

_____. *A respeito do movimento estudantil e das lutas de classe operárias*: 3. ed. Organizações estudantis. 1968.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar, 2002.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANE, D. *Educação: senso comum a consciência filosófica*. 17. ed: Autores associados-Campinas, 2007.

VIEIRA, C.H. *Um percurso pela história da afasiologia estudos neurológicos, lingüísticos e fonoaudiológicos*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1992. 254p.

VIEIRA, C.H. Sobre as afasias: o doente e a doença. In: *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. LIER-DEVITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 235-246.

MAZIÉRE, FRANCINE. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p.128.

ANEXOS

Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa: desenvolver atividades propostas pelos profissionais voluntários.
2. Sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar o seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Os objetivos deste estudo são: Observar como a interação entre os sujeitos afásicos e não afásicos ajuda os sujeitos afásicos a reconstruir a sua linguagem.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em vir para os encontros do Grupo de Convivência de afásicos e ser observado pelos profissionais voluntários.
7. A sua participação será gravada em áudio.
8. Os riscos relacionados com sua participação são: possível constrangimento em participar da entrevista e também com a presença da pesquisadora durante as aulas.
9. Os benefícios relacionados com a sua participação são: modificação da prática pedagógica a partir das teorias das ciências da linguagem que levem à melhoria da formação do leitor competente.
10. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
11. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade). O sujeito da pesquisa será identificado por letras, como informante A e F.
12. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, permitindo que você possa tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

Nome

Assinatura

Av. Hélio Falcão, 485, apto 601 – Boa Viagem – Recife – PE – CEP: 51021-070

Telefone: 81-33251384

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP: 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL – TELEFONE: 81-2119 4376 - FAX 81-2119-4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO:

pesquisa_prac@unicap.br

Recife, ____ de _____ de 200__

Sujeito da Pesquisa:

RG: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa

Nome completo da Testemunha 1:

RG: _____

Assinatura da Testemunha 1

Nome completo da Testemunha 2:

RG: _____

Assinatura da Testemunha 2

TRANSCRIÇÃO Nº 1

F₁ – Ela era modelo, agora é esposa de Sarcozi (eles estavam falando sobre um cd que ficou de fundo, de Carla Bruni).

F₂ – Gosto A₁ da música.

A₁ – Faz gestos dizendo que gostou (afásico que se expressa através de gestos).

F₁ – Ela era compositora.

F₂ – Gostou A₂ do mapa (mapa colocado na parede da sala no mesmo dia)?

A₂ – É (afásico com dificuldade na fala e nos movimentos).

F₂ – Pernambuco, isso (A₂ aponta para o mapa). E aí A₃, como foi a semana?

A₃ – Foi boa.

F₂ – Foi boa?

A₃ – Muito boa.

F₃ – Tem uma voz agradável.

F₁ – É ela tem uma voz agradável. Tem uma novela aí, que parece tem um tema dela, uma novela aí das oito.

F₄ – Foi muito boa a semana A₃?

A₃ – Foi.

F₄ – Foi? Que bom, né? Hoje vamos fazer uma coisa diferente.

A₁ – Aqui, oh.

F₃ – Tirou do computador?

A₁ – Não.

F₃ – Não, ah sim! Comprou, ah!

A₃ – Menino, menino (afásica com dificuldades na fala e nos movimentos – ela acaba de chegar e se admira pela música de fundo).

A₅ – Voltou de novo, foi? Tá fazendo alguma coisa diferente? Tás é gordo, visse. Menino, enorme, visse. Tá enorme!

A₁ – Calma, calma.

F₁ – Gosta não. Ela Quem disse.

A₁ – Aqui, oh, oh, tchau. Tchau, oh (faz gestos dizendo que ela já usou drogas e que bebia muito).

F₄ – Ela (a cantora).

A₃ – Eu não conheço, não.

F₁ – É a primeira dama da França.

A₁ – Aqui, tchau (faz que tá desfilando).

F₁ – Modelo.

A₁ – Depois, tchau. Oxi, mai (faz gesto de pessoa fumando).

F₄ – Aonde você viu isso?

F₁ – Muita gente faz isso.

A₅ – Ele sabe alguma coisa.

A₁ – Aqui.

F₁ – Ela é a primeira dama da França.

A₁ – Assim, oh, oh.

F₅ – Cocaína.

A₅ – Tá mais forte, ele também, também, também.

A₃ – Como você tá?

A₅ – A mesma coisa.

A₃ – Não veio mais...

A₅ – É tempo.

A₃ – Como quer melhorar? Vem duas vezes e passa dois anos sem vir.

A₅ – Não, mas eu vou, andar, normal.

A₃ – Aí não melhora.

A₅ – Não consigo fazer nada, é que eu não consigo fazer nada.

A₃ – Aí não... tem que ter tempo pra isso. Tem que ter tempo pra doença entrar, agora tem que ter tempo pra ela sair. Agora se não continuar a fazer os tratamentos, aí ela não sai.

A₅ – É mesmo, é mesmo.

A₃ – Se for pensar, pensar, só nos serviços de casa e não for se cuidar, vai ficar o tempo todo assim sem falar.

A₅ – Tava falando nada.

A₃ – A senhora não fala.

A₅ – O pessoal fica falando lá, e fico lá não digo nada (em casa).

A₃ – A senhora não tem ninguém pra conversar.

A₅ – Falo com ninguém.

A₃ – E apoi. Aqui a senhora tem gente pra conversar, tem uma pessoa pra fazer gestos pra senhora, aí a senhora falar. Agora, sem, sem vir aí não fala, não, aí fica sempre (fez gesto de pessoa triste e calada).

A₅ – É pior, é.

A₃ – E não fala, não é? A pessoa tem que ter gosto de vontade de se cuidar de si mesmo.

A₂ – Não, não.

F₁ – Não tem que ter gosto, não.

A₂ – Faz que não com a cabeça.

F₁ – Não.

A₃ – E então com o pensamento negativo que não vai falar, que não fala mais.

A₅ – E não tá falando, não. Ele não tá falando. Não ta falando.

F₁ – O que ele ta dizendo é que, se não se tratar, ai não fica bom. Porque do mesmo jeito que... mas se se tratar, vai melhorando.

A₂ – Ochi. Ah, ah (mostra a boca e o braço, e faz o sinal de negativo).

A₃ – O pensamento negativo, ai.

A₅ – É que é pior, é pior que eu.

F₁ – O que ele tá dizendo é que quando a gente fica chateado, muito abatido com a chateação, aí não fica melhor. Tem que pensar que pode.

A₃ – Tem que pensar positivo. É verdade que melhora. Que não vai tomar isso, que não vai mais falar, que não vai se comunicar com o povo. Se comunica, rapaz, agora se ficar pensando que não vai.

A₅ – Eu tenho um dia a vontade, mas fazer o que? Não sei de nada, nem ninguém.

A₃ – O dia quando adoeci fiquei assim.

A₅ – Não sei falar nem nada, nada. Nem com ninguém. Não falo nada, nada, nada.

F₄ – Olha ai falando tudo.

A₅ – Agora tô falando tudo, converso, já tô conversando com o povo, vou num canto... agora se ficar com o pensamento, não fala mais.

F₁ – Ele não falava também, não era A₃?

A₃ – Falava não. Eu falava e ninguém entendia.

F₁ – Tá vendo?

A₃ – Tem que ter o pensamento positivo.

F₄ – Tem que fazer sua parte, ne?

A₃ – Tem que vir, eu só não venho mesmo quando vou para o médico que eu vou e saio no horário batido.

F₁ – Tem que tentar falar, mesmo que a pessoa não compreenda logo, mas tem que falar. Se o senhor sabe desenvolver, dá pra entender. Mesmo que o senhor não fale direito.

A₂ – Boa tarde, boa noite.

F₂ – Tá vendo... aí tem que falar mesmo do jeito que o senhor conseguir.

A₃ – Aí eu não falo, aí não vou falar mais, não tem mais jeito.

F₁ – Todo mundo tem dificuldades, de uma coisa ou outra. Acho que a gente deve mergulhar e tentar.

A₂ – Meto, meto.

F₁ – Medo?

A₂ – Meto.

A₁ – Aqui, oh.

F₁ – Cada um tem dificuldade... o senhor tem medo de falar.

A₃ – Agora mesmo fiz exame todinhos, fui para os médicos todinhos de novo, fui para o médico do coração, ela mandou exame de sangue, de urina... uma radiografia, uma ultrassom. Fazer e o, o vascular.

A₅ – O pior é o nome que ele não sabe.

F₁ – O senhor tá fazendo?

A₃ – Tô fazendo.

A₂ – Mas rapaz oh, aqui (faz gesto).

F₃ – Chave.

A₂ – Chave, aqui oh.

A₅ – Tão ruim quando a gente não pega, é horrível.

A₂ – Aqui.

F₁ – Calma, calma.

A₅ – Ai meus Deus, como é triste.

F₁ – Calma, que a gente não tá aqui para se lamentar, a gente tá tentando melhorar a situação.

A₃ – Se lamentar o que se passou. O que passou, passou.

F₁ – O que vale... o que se pode fazer diante do que já passou...olha ai A₁, vai se comunicando e convivendo.

A₁ – Marcos... Marcos... Marcos.

F₁ – Se comunica mesmo sem falar, e se comunica. Ele desenha, faz... existe outras formas.

F₆ – Vamos dividir em dois grupos.

F₄ – Quantos são?

F₆ – Cinco para cada lado, certo. Hoje a gente vai fazer mímica, ta bom? Viu, A₁?

A₂ – Mímica.

F₅ – Olha ai falou.

A₂ – Marcos.

F₆ – Vamos, minha gente, formar o grupo.

F₁ – O movimento para escrever que é difícil. O que A₂? Pra abrir a porta?

A₂ – Não (estava fazendo fisioterapia no lado que não consegue mexer e estava usando tipo uma paleta).

F₃ – Para comer, pegar talheres.

A₂ – Não, não.

F₁ – O senhor está querendo falar do que? De dificuldades é?

F₁ – Desenhe uma coisa ai pra gente entender.

A₂ – Ele tenta desenhar, mas também não conseguimos entender.

F₁ – O senhor tem feito fisioterapia no outro braço? Vai melhorando bastante a fisioterapia.

A₅ – O meu foi contrário, ficou normal aqui e aqui, só aqui que não (boca e mente).

F₆ – Mas a senhora tá ótima

A₅ – To nada... a gente sabe as coisas, mas não sabe não... de nada nova... ninguém, o nome. Ou na igreja, não consigo fazer nada.

F₁ – O seu nome?

A₂ – É (ele escreve o nome dele no papel).

F₁ – Ai, o senhor não escreveu o seu nome, A₂.

A₂ – Diz o sobrenome.

A₅ – Olha ai já sabe.

F₁ – Mas tem que ir tentando, mesmo que seja difícil. Se a gente parar de falar, se a gente parar de fazer os movimentos aí dificulta. A mesma coisa de tentar fazer, quanto mais a gente tenta, a gente pode melhorar, mesmo se a pessoa não entenda. O senhor muda, tenta mudar, escreve, faz mímica e ai vai... Sabe fazer mímica? Sabe o que é mímica? Quando eu imito alguma coisa... o soldado (faz gesto de continência). Então pronto, vamos trabalhar.

F₆ – Vamos começar. Hoje a gente vai fazer um jogo com mímica. A gente vai dividir em dois grupos. Cada um vai abrir um papel...vai sortear cada grupo, vai ler o papel, o que tiver lá é pra gesticular, fazer a mímica, pra descobrirem o que é, viu. Oh. Hoje a gente vai fazer mímica. A gente vai dividir dois grupos, certo? A gente vai sortear, aqui tem nome de música, profissões, nomes de filmes e esportes.

A₂ – Mas eu não entendo nada.

F₅ – Grupos de quatro.

F₃ – Pronto A₃, pode pegar um. Pronto, isso aqui é um filme e o senhor vai tentar fazer gestos para que... tentar adivinhar.

F₆ – O senhor sabe. Se precisar de alguma coisa que vá facilitar a sua mente é só pedir.

F₂ – Chuva? Dançando na chuva?

F₆ – É um esporte?

A₁ – Tá, aqui oh (desenhando).

TRANSCRIÇÃO Nº 2

F₁ – É, fiz uma avaliação com ele lá na clínica de fono e, pode falar um pouquinho, né? Vamos tentar? Ele teve, teve o que?

P₁ – AVC. Eu ia, é...

F₁ – Salgueiro.

P₁ – Salgueiro.

P₂ – Salgueiro?

F₁ – Foi, teve AVC em Salgueiro.

P₁ – Foi.

P₂ – Morava aqui?

P₁ – Aqui. Depois lá.

F₁ – Ele morava aqui, mas tava viajando, não foi? Lá em salgueiro.

P₁ – Salgueiro, rapaz. A prefeita de lá é minha amiga.

F₁ – É?

P₁ – Olha, a prefeita, amiga. É...a prefeita é minha amiga. Ela deixou o cargo pra ir...

F₁ – Ela deixou o cargo pra ir, para outra prefeitura?

P₁ – Não, não. C, C, C.

F₁ – Que é a atual prefeita, é?

P₁ – Não. Ela deixou o cargo para... Ela deixou o cargo para ir para...Como é? Seu não.

F₁ – Seu P₂ tava contando como foi o AVC dele.

P₂ – Como é? Como é que se diz?

P₁ – A gente lembra de tudo, tudinho. Agora na fala...

F₁ – Lembra de tudo, mas ai na hora de falar não sai o que queria, não é?

P₂ – Também, também.

F₁ – E de todo mundo foi AVC também. A questão boa é que o grupo serve para as pessoas conversarem, pra gente trabalhar esse funcionamento da linguagem, pra gente trocar experiências.

P₁ – Tem, tem, tem. Depois, depois. Eu guardei as coisas.

F₁ – Ah, foi o que o senhor fez.

P₁ – É lá da coisa, lá de...

F₁ – Da fono?

P₁ – É, de lá, tudinho também. Tudinho as coisas mais.

F₂ – E quando foi seu P₁, que o senhor teve o AVC?

P₁ – É...

P₂ – Há dez anos.

F₁ – O que mais? Foi lá em salgueiro, você me disse que não tinha pressão alta, né?

P₁ – Nada, nada.

F₁ – Não tinha nada. Mas era fumante né?

P₁ – É, mais de, de... carteira, carteira.

F₁ – Mais de uma carteira.

F₃ – Eu também.

P₁ – Seu F₃ ele confundia o cigarro com o giz.

F₃ – Era.

P₁ – Eu consigo (pega um papel e começa a fazer uma conta).

F₁ – Conta.

F₁ – É assim, agora escrever.

P₁ – Uma conta consegue.

P₃ – Assim (começa a resolver a conta).

P₁ – Não, não, tá errado. Peraí.

P₃ – Não, peraí.

F₄ – É vezes.

P₃ – O que rapaz?

F₄ – Não é soma, é vezes.

P₁ – Na escrita (faz sinal de ruim), agora na conta (faz sinal de legal).

F₅ – Boa tarde... hoje a gente vai falar sobre plantas e frutas medicinais. E aí? Alguém sabe algumas plantas, alguma fruta, que cura, que faz alguma coisa?

F₆ – Quem gostava dessas coisas era P₈. Mas seu P₂ já tomou alguma coisa desse tipo, não foi seu P₂? Era uma planta?

P₂ – Era preto... café.

F₅ – Vocês conhecem alguma planta medicinal?

F₂ – Juá.

F₂ – É o Juá. E o senhor F₃, o senhor fala muito aqui. Que o senhor diz que é muito bom tomar todo dia de manha com água.

P₄ – Alho.

F₆ – É bom pra que, alho?

P₃ – Eu gosto pra comer com, com, como é o nome disso? Eu como todo dia, todo dia, todo dia.

F₆ – Mas o alho é bom pra que?

P₃ – Eu quebro, o nome disso ai, disso ai.

F₅ – Alho.

P₃ – Isso, eu quebro e jogo. Boto água a mesma coisa, mesma coisa, e bebo. Todo dia.

F₄ – Mas serve pra que?

P₃ – Serve para isso (aponta o braço) e pra isso (faz som com a boca para dizer que serve para ajudar na fala).

P₁ – O alho, almoçar, pego o alho e como.

F₁ – Alho é? Que bom. Eu soube que era bom pra pressão também.

P₃ – É.

F₆ – Alcachofra, vocês já ouviram falar? É bom pra que? Alguém sabe?

P₄ – Não.

F₆ – Aqui vem dizendo que a alcachofra é diurético, serve pra quem tem diabete e também é bom para o colesterol, fígado, pressão alta, para emagrecer, problema respiratório.

F₄ – A gente pulou o abacateiro.

P₃ – Abacate, eu como.

F₃ – Eu nunca comi.

P₃ – Não, nunca, não.

P₅ – Trazer um pra você.

F₆ – Abacateiro, ele é.

P₂ – Aroeira.

P₃ – (fica coçando o braço).

F₅ – Aroeira é para coceira. E também é bom contra o reumatismo.

P₃ – Esse aqui da vontade de comer.

F₆ – O boldo. Quem aqui já tomou chá de boldo?

P₃ – Não gosto não.

F₅ – Seu P₄ disse que o maracujá da vontade de dormir.

F₆ – Ele é tranqüilizante do sistema nervoso.

P₃ – Ele é bom, a gente (faz sinal de tomar), ai (finge que dorme).

P₃ – Tem cada coisa, né?

F₄ – É.

F₆ – O alecrim. Anticéptico pulmonar, calmante, ajuda na memória, na estafa.

F₅ – O de baixo, alfavaca. Debilidade dos membros, febres etc.

F₄ – Olha alfazema. Se usa na lavanda, não é?

F₁ – A arnica serve para o reumatismo.

P₄ – Reumatismo só tem quem é velho. Aqui não tem ninguém velho. Você é velho P₂?

P₂ – Não

P₄ – Você é P₁?

P₁ – Não.

P₄ – Você P₃?

P₃ – O que?

F₅ – Se o senhor é velho.

P₃ – Velho, velho? Não.

F₂ – É, estamos na flor da idade.

F₆ – A carqueja, ela é antidiurética, previne o fígado.

F₃ – Acho que vou comprar dois: o alecrim, e arnica.

F₆ – A gente continua na próxima semana. Tchau.

TRANSCRIÇÃO Nº 3

F₁ – Eu sou muito ruim de música.
Quem foi que escolheu Petrúcio
Amorim?

A₁ – É não, é?

A₂ – Aqui!

F₂ – Eita gosta desse é? É muito bom
esse perfume. É muito bom. Melhor
ainda é o preço dele.

A₂ – Calma, calma.

F₂ – Veja o preço aí, pra não se
assustar depois.

A₃ – Tranquilo.

F_{1,2,3} – Tudo bom.

A₃ – Você rapaz. Você disse que e não foi.

A₁ – Eu não pude, não.

A₃ – Esperei.

A₁ – Trabalho.

A₃ – Eu muito tempo. As duas (dando
presente).

F₃ – Os dois pra mim?

A₃ – As duas.

F₃ – As duas. Você e F₁. Ah, obrigada.

A₃ – Ela pegou os dois, hum, as duas. Quis,
aí escolheu os dois, dois, dois.

F₃ – Obrigada. Como passou a
semana? Como foi o fim de semana?

A₃ – Eu? A mesma coisa, nada. A mesma
coisa, a mesma coisa.

P₁ – Nada.

F₂ – E o aniversário?

- F₂ – Que escreveu cartão, quinta-feira.
- A₁ – Aniversário.
- F₃ – Um cartãozinho.
- A₃ – A não, rapaz R meu filho com dois (uni os dedos), foi, foi. Comprei bonito, comprei sozinho, fui e comprei pra mulher, dois, dois. Fez negocinho pra, R, nanham, nanham.
- F₃ – Então foi o aniversário de R?
- A₃ – Sim, sim. Pronto, pronto. Eu comprei, comprei os negócios, mas não tem ninguém, aí eu não sei fazer, aí pra ela fazer.
- F₃ – Namorada.
- A₃ – Não. R, R, R, forte. Com os dois agora, menina. Os dois. Ele tem menina, com as duas.
- F₃ – Noivas.
- A₃ – Amanhã, amanhã, pra amanhã, vão isso aqui (uni os dedos).
- F₂ – Vão casar.
- A₃ – É, amanhã.
- F₃ – Menino chique.
- P₃ – É muito difícil, amanhã. Ninguém hoje, embora.
- F₃ – Ninguém veio não foi?
- A₃ – Todo dia lembrei, hoje (falando sobre o presente). Vendo umas coisinhas, ai lembrei. Besteira.
- F₃ – Ai as duas são para mim ou uma é para F₂, e a outra pra mim?
- A₃ – Só tem essas dois cor, cor. Ai ela pegou essa aqui, e coloco. Só tinha esses três.
- F₃ – Olha ai acho que chegou mais alguém.
- A₃ – Doutora, doutora.
- F₄ – Boa tarde.
- A₁ – Boa tarde.

F₄ – Vocês têm F₂, a senha daqui?

A₂ – Olá.

A₁ – Não.

A₂ – Aqui.

A₃ – As duas eu fiz, as duas.

F₃ – Essa semana já venho com ela.

A₃ – Opa, obrigado.

F₄ – É terça-feira passada, é? Como a gente vai cantar também. Ensaïaram?

A₁ – Ensaïamos.

F₄ – Ensaïou, seu P₁?

A₁ – Ensaïamos.

F₁ – Só tem cantores aqui, né? Seu P₃ ta animado pra cantar?

A₃ – Hoje, hoje? Não sei. (começa a cantarolar) é difícil, falar tudo é difícil. Agora ele o que ele ta fazendo, fala, fala. O outro também, gente boa, mas Lara, Lara, Lara, to falando. Tranquilo senhor, tudo bom?

A₁ – Tudo bom? Olha, nove, nove, é... quinze ano, quinze ano falando.

A₃ – Ele?

A₁ – É.

A₃ – É o que? Ta falando sobre o que, é o que?

A₁ – Quinze ano falando rapaz. Não consegue falar não.

F₃ – Que não consegue falar.

A₃ – É tranquilo, é difícil. Ai meu Deus. Falando e nada, nada. Todo dia, todo dia. Tento falar e, to vindo sozinho, pra falar com vocês. Cada dia, novamente. Tomo banho todo dia, limpo, limpinho, todo dia, novamente. A mesma coisa. Tomo um negocinho. Ai uma vez, passando, passando

F₄ – Mas já melhorou um bocado, não foi?

F₄ – Acho.

F₄ – O senhor não acha, não?

F₄ – Assistindo TV?

F₅ – O aniversário foi bom naquele dia? Da sua nora?

F₄ – Qual de vocês sabem, qual música a gente ficou de cantar? Vocês sabem?

F₃ – É tareco e mariola.

F₅ – Qual das músicas vocês gostam mais?

F₅ – E você P₃?

F₅ – Quinta-feira.

F₄ – Teve o que, uma menininha?

F₄ – Tá grávida?

“oi.” Ah oi (imitando – escondendo copo).
Todo dia, né?

A₃ – Tu acha?

A₃ – Não sei. Obrigado.

A₃ – É difícil falar. Sozinho, sem filho, sozinho, todo dia (cantarola).

A₃ – É a mesma coisa.

A₃ – Foi bom.

A₂ – Tareco e mariola.

A₂ – “Tareco e mariola” e “Como uma onda”.

A₃ – Recebi agora. Ontem, ontem.

A₃ – Renata, Renata, minha mãe. Também.

A₃ – Mesma coisa.

A₃ – Os dois.

F₄ – Gemes?

A₃ – Não. É, menina.

F₄ – Menina também igual a ela?

A₃ – É.

F₄ – Seu filho também já tem alguma menina?

A₃ – Netinho, Renata, meus filhos, ela é maior. Renata, Renata, Renata, Renata. Os dois, os dois. Ta bem. Longe de casa. Faço qualquer coisa, qualquer coisa. Nada posso fazer nada. Mesma coisa. Graças a Deus vocês. Todo dia. Ai meu Deus.

F₅ – O senhor faz exercício ser P₃?

A₃ – Sim.

F₅ – Sério?! Faz o que? Caminha?

A₃ – É.

F₅ – Seu P₂ faz o que?

A₂ – Nada.

F₅ – Nada? Nem caminhar?

A₂ – Nada, nada.

F₄ – Seu P₄ faz o que?

A₄ – Nada.

F₄ – Nem caminha?

A₄ – Não.

F₅ – Ensaíaram as músicas em casa?

A₃ – Sim, sim.

F₅ – Qual a primeira música que vamos cantar?

A₂ – “Tareco e mariola”.

F₅ – E ai minha gente? A gente canta todo mundo junto?

A₂ – Todo mundo junto.

(Todos cantam, “Tareco e mariola”, “Como uma onda” e “Garota de Ipanema”, com instrumentos feitos no grupo).

F₄ – Agora que a gente já escutou as músicas, nos vamos escrever as palavras que mais nos chamaram atenção nas músicas, certo? O que chamou atenção nessa música para você?

A₃ – Procurar é? Procurar é?

A₂ – É.

F₂ – É para escolher uma palavra da música.

F₄ – Seu P₄ tem dificuldade na escrita? Então pode dizer pra gente. Quer que eu escreva tareco e mariola?

A₂ – Tareco e mariola e...

F₄ – Pode ser qualquer palavra da música. Quer que cante pro senhor escolher?

F₅ – Minha gente o que é mariola?

F₄ – É uma comida, parece uma Maria mole.

F₅ – F₃ gosta muito de mariola.

F₃ – É puxa-puxa, é?

A₂ – Não.

F₅ – É um tipo de bananada.

F₅ – Seu P₂ quantas palavras tem aí?

A₂ – Tareco e mariola...

F₅ – O senhor come tareco e mariola?

A₂ – Como.

F₅ – É bom?

A₂ – É.

F₅ – Eu nunca comi mariola.

F₂ – E tareco o senhor gosta?

A₂ – É lá de fora.

F₄ – Todo mundo já terminou de escrever?

A₂ – Gosto também.

F₅ – Pronto agora a gente vai ler as palavras que a gente escreveu.

F₂ – Agora o senhor vai falar seu P₃.

A₃ – Eu sei uma coisa lendo, aqui: água, água.

F₃ – Onda.

A₃ – É. Isso aqui muito longe, longe.

F₃ – Infinito.

A₃ – Isso aqui também, muito tempo.

F₃ – Mundo.

F₂ – O senhor vê e lembra não é?

A₃ – É, eu vou vendo e...é difícil.

F₅ – Só falta P₄ e seu P₂.

A₂ – Tareco e mariola, velame e macambira e vassoural.

A₃ – Muito tempo, água, muito tempo, muito tempo, muito tempo... falo umas coisinha, falo, e não posso falar.

F₃ – Infinito, onda e mundo.

F₅ – P₄ é só para colocar algumas palavras que chamaram a sua atenção.

F₄ – Ela gostou muito da música.

A₄ – Cartas, cartas na mesa, eu me criei, eu me criei, você foi, foi longe, e o outro juro não entrou, deixou meu chão sozinho.

F₄ – Até a páscoa.

A₂ – Tchau.

A₃ – Tchau.

TRANSCRIÇÃO Nº 4

F₁ – É seu José.

F₁ – Seu Valternizio, seu Fernando.

A₁ – Seu Fernando chega.

F₂ – Quer contar o quê? O Sr. Fernando não foi dirigindo?

A₁ – Ele foi dirigindo. Mas seu Fernando foi dirigindo e voltou dirigindo.

A₁ – Ele tem problemas na mão direita e não passa, passa.

F₂ – Ele não passa macha?

A₁ – Ele tem problema e não passa macha.

F₂ – Camila, esta é dona Minervina.

F₃ – Está vindo pela primeira vez, hoje?

F₃ – Seja bem-vinda, seja bem-vinda.

A₁ – A Senhora tem que se animar.

F_A – Mas ela é todo tempo assim.

F₂ – Seu Mário.

F_A – Na hora de conversar, ela conversa.

F₂ – Como foi o dia das mães?

F₂ – Sua mãe é viva?

F₂ – Como foi o domingo?

F₂ – Quem preparou o almoço?

A₂ – Fala, mas não dá para entender.

F₂ – Quantos filhos são?

F₂ – Todos moram aqui?

TODOS FALAM PARA A F_A. SOBRE O SR. M.

A₁ – O dele está bem novo.

F₂ – Foi no carnaval.

F₂ – Foi em fevereiro, foi no carnaval.

F₂ – Conte para ela.

F₂ – Dona M.

F_A – Dói, Dói.

A₁ – Dói muito.

A₁ – Aqui, aqui ficava queimando no começo.

A₁ – As pernas incham ficam pesadas parece que tem 500 kg.

A₁ – Eu quando tive não andava nada, também não. Eu passei um tempo de cadeira de rodas. Eu passei um bom tempo de cadeira de rodas.

A₁ – Andar e ficar em pé, eu não podia cair, não deixem ele levar, fiz fisioterapia.

A₁ – O médico dizia que ele leva queda. Cuidado para ele não cair de cabeça, não quebrar a perna. Poderia quebrar o fêmur a perna.

A₁ – O meu problema não foi na cabeça.

A₂ – Seu Mário fala.

A₁ – Seis, meia dúzia (O Sr. José ajuda o Sr. Mário).

F₂ – Fica com medo de falar, não é seu Mário.

A₁ – Ele precisa ir atrás do fono.

F₂ – É ele não está fazendo fono.

A₁ – Ele fazendo, a tendência é falar logo. Eu fiz fono.

F_{A-MI.} – (Fala, não dá para entender).

A₁ – Eu não falava nada. Eu pegava a sacola nesta mão e ela caia.

F_{A-MI.} – (Fala, novamente não entendida). Porque não tem, não tem mais (não sei quem esta falando).

F_{A-MI.} – Ela tem catarata, um olho já está cego devido ao diabetes. É toda descompensada, e o outro está ficando.

F₂ – Qual está mais afetado?

F_{A-MI.} – É este, não é mãe? É este.

F₂ – Fala, ela faz o gesto e o Sr. acha que está levando.

A₁ – É também devido ao AVC. A pessoa que não faz movimento para.

F₂ – Mais ela faz, ela faz o movimento.

F_{A-MI.} – Ou então com o corpo.

F₂ – Nesta garrafinha tem água.

A₁ – Eu fiz 20 terapias de fono, aqui na Afonso Pena. Aí a doutora disse que não tem problema.

A₁ – Eu quando tive trabalhei até 07:30 da noite. Em Boa Viagem. Boa Viagem era um movimento danado. Quando cheguei lá a mulher perguntou se eu estava sentindo alguma coisa. O Sr. está calado, sério, pálido. Ela me deu uma xícara de café. Quero nada, só um cafezinho. Ela perguntou se eu queria mais alguma coisa e eu não queria nada. E uma vontade de vomitar, e me deu também tontura e dor de cabeça. Levei o caminhão para o Ibura. Quando cheguei lá fui ao banheiro e comecei a vomitar. Deixei o caminhão lá para um amigo levar para caixa d'água.

A₁ – (Fala, mas eu não entendi).

A₁ – Aí cheguei em casa, a mulher disse: Estás sentindo alguma coisa? Ela fez uma chá de pitanga. Aí eu passei a noite inteira jogando a perna. De manhã fui para a Policlínica. Eles mandaram um táxi. Quando cheguei lá na Policlínica não senti mais os braços e as pernas, tinha um médico que mediu minha pressão. Estava 16x20, me levaram para a Restauração, passei 2 dias internado.

F_{A-MI} – Ali é um matadouro.

A₁ – Mas eu digo a Sra. ali têm ótimos médico neuros.

F₂ – Vanessa mandou o seu CD (falando para o Sr. Marcos).

A₁ – E outro ali.

F₂ – Vamos se apresentar. Vocês vão se apresentar, eu não vou dizer nada.

A₁ – Presente é. Letícia, filmagem.

F₂ – Eu falei. Quem mandou foi Vanessa, ela disse que tem 70 e poucas fotos.

A₁ – Seu Marcos!

F₂ – Achou para mim. Na próxima o Sr. vai me filmar, né?

A₁ – Falta seu Renato e seu Fernando.

F₂ – Seu Mário consegue escrever.

A₁ – Eu consigo.

F₃ – Seu José consegue tudo. Só são 2, um grupo e outro grupo. Quem vai escrever daqui. É um para cada grupo.

F₂ – EXPLICA A ATIVIDADE.

VAMOS FAZER O JOGO (não sei quem falou).

F₃ – Vocês lembram quando a gente era pequeno, pelo menos era comigo que a gente jogava de nome lugar e objeto.

F₄ – Lembra Seu Mario que juntava a pontuação. Pega uma letra A aí diz uma fruta com a letra A, lembra.

Não, então vai aprender agora.

F₁ – Gosta de falar. A gente gosta de brincar. A gente gosta de brincar muito. A Sra. Gosta de falar muito.

F₂ – Deu pra entender. Aqui tem o alfabeto. A letra que foi sorteada.

É um grupo, vocês 3 vão falar. Tem que Lembrar de preencher aqui seu marcos e seu Mario.

F₁ – Seu Marcos e seu Mario, MA, MA.

F₂ – Dona Minervina é iniciante, ela vai começar.

F₁ – Um não passa para o outro.

F₂ – Quem quer combinar. A Sra. tem que combinar com seu grupo para combinar.

F₁ – Seu Marcos olhe para lá.

F₂ – Seu José antes de escrever tem que combinar. Como é o nome, como se chama?

Flavia sorrir.

F₁ – Deixe eu dizer. Olhe para mim. Agora é o quê? Lugar com P a Sra. lembra? Diga. Com P. Ela que dizer Piedade, mas está bom no Pina, certo DONA M. FALA (não entendi).

Brasília Teimosa. Muito bem o Bruno é com B.

A₄ – SUSSURRA ELE FALA BRUNO.

F₂ – Está certo, um objeto, um objeto.

TODOS FALAM AO MESMO TEMPO.

F₂ – Panela é com a letra P, mas coloque o que eu falar.

F₃ – O que o Sr. faz com a letra P.

F₂ – No são João.

A₅ – FALA (algo que não dá para entender).

F₂ – A irmã da canjica. Lembra Sr. Valternizio. Muito gostoso. Falta o Sr. José.

A₁ – Um esporte, um esporte com a letra P.

F₁ – FALA (não consegui entender).

TODOS FALAM AO MESMO TEMPO.

F₂ – Um esporte com a letra P.

A₅ – É.

F₂ – O Sr. José colocou qual?

A₁ – Coloquei nada ainda.

F₂ – Tem que ser com a letra P.

TODOS FALAM

F₂ – Ele colocou o quê?

A₅ – FALA (não entendi).

F₂ – Agora vê só.

A₅ – O quê?

F₄ – Cada palavra vale 2 pontos. Vai tomar...

F₁ – Tempo esgotado.

F₂ – Terminou.

ALGUÉM FALA (não entendi).

F₂ – 10 pontos para cada palavra.

F₁ – Se o grupo escutar o que a gente tá dizendo, a gente ganha 10 pontos.

F₃ – Como é Paula.

F₄ – Sr. Valternício, fale o nome que a gente escreveu.

A₅ – Paulo.

F₃ – Ele disse que é poli. É um nome de mulher.

A₅ – Poli?

F₃ – É um nome Francês, Pernambuco tem a letra P.

TODOS FALAM AO MESMO TEMPO.

F₄ – Eu vou falar para ela.

A₆ – Pombo.

ALGUÉM FALA PARA DONA MINERVINA – Tem um pavão aqui embaixo.

ALGUÉM FALA PARA O SR. JOSÉ – Já viu Sr. José?

A₁ – Já.

ALGUÉM FALA – No começo era só um pavão e uma pavoia. Pia?

Camila – É verdade.

Sr. Mario – Pão.

Camila – Muito bem.

A3, Sr. José – A minha Pamonha.

F₅ – A esposa do Sr. José faz uma canjica.

F₃ – Uma canjica! Canjica, bolo de banana.